



REVISTA DO

# CENDOC

Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica — Rio de Janeiro — Dezembro de 1993 — Nº 01



## CABANGÚ

na Serra da Mantiqueira, as origens da aviação

*Do preconceito à pressa, a praticidade como recurso do pesquisador*

**CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS DE ARQUIVO**  
**A RACIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO PELA**  
**PRESERVAÇÃO DO ACERVO**



## ENTREVISTA

Jaime Antunes da Silva, diretor-geral do Arquivo Nacional, aborda temas como gestão documental, preservação de acervos e acesso à informação.

05

## ARTIGOS

Documentos e história — o CENDOC ao encontro da sua destinação	03
Biblioteca Nacional — estimulando o hábito de ler palavras e imagens	08
Patrimônio cultural e identidade nacional	09
Do preconceito à pressa, a praticidade como recurso do pesquisador	10
Da antiguidade à idade média, as origens da biblioteca	12
Bandas de música, do emprego militar às apresentações nas praças, um referencial de cultura	14
Bibliologia: A disciplina na produção do livro	16
Na biblioteca, o canal entre o leitor e informação . . . é o serviço de referência	23
Da Idade Média, a tradição da representação simbólica . . . é a ciência Heráldica	24
Conservação de documentos — mentalidade e prática no tratamento de acervos	26
Microfilmagem — preservando a informação pela técnica	28
Guardar ou eliminar? A avaliação define o destino dos documentos	29
Construção de prédios de arquivo a racionalização do espaço pela preservação do acervo	31

## REPORTAGEM

Preservar . . . O Ministério da Aeronáutica também busca a sua história Cabangú - Na Serra da Mantiqueira, as origens da Aviação	18
---	----

## SEÇÕES

Coluna "Espaço da História", onde são destacados alguns acontecimentos dos primórdios da aviação militar no Brasil	35
--	----



### CAPA: Fotografia de Robson Ferreira de Carvalho

Foi nesta casa, situada na "Fazenda Cabangú", no município mineiro de Santos-Dumont, outrora Palmyra, que nasceu o inventor da aviação. Apesar de, enquanto criança, sua passagem por Cabangú ter sido efêmera, Alberto Santos-Dumont retornou a sua terra natal em 1919 já desgostoso com o emprego do avião na 1ª Guerra Mundial, quando a propriedade de Cabangú lhe foi doada pelo Congresso Nacional. Santos = Dumont virou então fazendeiro até retornar a Paris.

Hoje o Parque-Museu Santos-Dumont, que reúne bens e acervo acerca do pai da aviação, é aberto à visitação pública.





Solenidade Militar com a participação do efetivo

# DOCUMENTOS E HISTÓRIA

## O CENDOC AO ENCONTRO DA SUA DESTINAÇÃO

**J**untamente com o Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER) e o Museu Aeroespacial (MUSAL), o Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica (CENDOC), é a Organização destinada à preservação dos acervos documentais e, conseqüentemente, à recuperação das fontes históricas no âmbito da instituição.

Seguindo as diretrizes do Comando Geral do Pessoal (COMGEP), sediado em Brasília, órgão ao qual é operacionalmente subordinado, o CENDOC encontra-se localizado no "campus" da Universidade da Força Aérea (UNIFA), no Rio de Janeiro, Unidade que lhe presta apoio administrativo.

Criada em 07 de dezembro de 1977, quando foi transformada de Diretoria a Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica, a Organização não possui sede própria, o que se constitui no principal obstáculo ao seu crescimento, especialmente em termos de acervo. O CENDOC já esteve instalado no prédio do M. Aer. (69 a 74), na UNIFA (74 a 85) e no Depósito Cen-

tral de Intendência (85 a 90), retornando, a partir de 90, ao Campo dos Afonsos, sempre no Rio de Janeiro. Até 1977, o comando da Unidade era de oficial-general, onde destacamos a figura do ex-ministro Ten.-Brig.-do-Ar Délio Jardim de Mattos, administrador mais ilustre.

### NORMAS E ACERVO

Tendo em vista que o CENDOC é o órgão central dos sistemas de documentação, de histórico e de cerimonial do Ministério da Aeronáutica, é da sua competência o estabelecimento de normas para as atividades compreendidas nestas áreas, abrangendo toda a instituição.

Publicações, biblioteconomia, arquivologia, correspondência, imprensa, heráldica, tombamento de bens históricos, assuntos musicais e cerimonial militar, estas são as atividades que a Organização implementa. A atuação especializada do CENDOC inclui orientação normativa, edição de

instrumentos de padronização, assessoramento técnico, visitas de inspeção,



Tratamento técnico da documentação com vistas à microfilmagem



O Diretor do CENDOC, Cel.-Int. Luiz Bernardini acompanha o Maj.-Brig.-do-Ar Hermano Paes Vianna, Comandante da UNIFA, em visita à Unidade. Em destaque, a biblioteca.



# PAVILHÃO VAN NESS

## REENCONTRANDO O PASSADO

promoção de cursos de nível médio, estudo e oficialização das propostas de tombamento, elaboração de provas para ingresso na especialidade de música, além do atendimento às pesquisas.

Com relação ao acervo propriamente dito, o CENDOC possui em sua estrutura o Arquivo Geral do Ministério da Aeronáutica, que reúne documentos de caráter histórico, administrativo e probatório, em estágio de organização com o emprego da microfilmagem. A biblioteca do CENDOC também atende a pesquisas voltadas para os assuntos da Aeronáutica. Tanto o arquivo quanto a biblioteca, são seriamente atingidos pela falta de espaço, onde os usuários não possuem as condições adequadas para a consulta às fontes de informação.

Complementando a sua atuação, o CENDOC apresenta dois órgãos subordinados: o Serviço Geral de Correspondência e Arquivo da Aeronáutica (SEGECAE), localizado no prédio do M. Aer., no Rio de Janeiro, e a Agência Central de Livros e Regulamentos (ACLER), sediada no Campo dos Afonsos, em frente ao Parque de Material Aeronáutico. O primeiro é responsável pela circulação da correspondência do M. Aer. em todo o território nacional e o segundo pelo suprimento de publicações oficiais e material didático às Organizações.

4 Problemas como a falta de recursos materiais, que atinge indistintamente a todas as instituições públicas e a falta de um prédio próprio para a Unidade que atenda às reais necessidades de um Centro de Documentação, apesar da sua seriedade, não chegaram a abalar as certezas do atual diretor do CENDOC, Cel.-Int. Luiz Bernardini:

"O CENDOC não tem compromissos com os homens, em particular, muito menos com o tempo, isoladamente, pois ambos são passageiros; o seu vínculo indissolúvel é com a preservação da história e da cultura do Ministério da Aeronáutica, através das suas fontes documentais, estas sim, permanecem e se perpetuam de geração em geração"

Atualmente, o CENDOC ocupa parte das dependências do tradicional Pavilhão Van Ness, na Universidade da Força Aérea. Falar sobre o Pavilhão Van Ness, é voltar ao passado e reviver um pouco da sua história, cuja participação no desenvolvimento da Aeronáutica Brasileira merece destaque.

Com a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941, o Campo dos Afonsos conheceu o impulso mais significativo para a evolução da aviação; ocorreu a fusão das Escolas de Aviação Militar do Exército e da Escola de Aviação Naval, surgindo então a Escola de Aeronáutica.

Os americanos ofereceram ao Brasil para treinamento dos cadetes da então Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos, aparelhos eletrônicos planejados para que reproduzissem a estrutura de um verdadeiro avião, simulando um combate aéreo. Esses equipamentos proporcionaram aos alunos o conhecimento das técnicas de defesa antiaérea sem o risco de vidas, já que o treinamento era feito em solo e em segurança. Era possível visualizar, através de uma tela de projeção a figura de um avião em plena atividade, como também manusear gatilhos que, ao serem acionados reproduziam o ruído de metralhadoras em ação, além de observar se o alvo tinha sido ou não atingido. Com esses procedimentos, os cadetes tornaram-se aptos à precisão de tiro aéreo, ao reconhecimento e identificação de uma aeronave, ao bombardeio, entre outros conhecimentos necessários ao piloto de caça e bombardeio. Esse processo era denominado Treinamento Sintético.

Com a chegada desses equipamentos para a Escola, houve a necessidade de que os mesmos fossem instalados em local que faci-

litasse o deslocamento dos cadetes, já que o hangar escolhido para instalação dos mesmos ficava muito distante do portão principal da Escola. Desse modo, o então Comandante, Coronel HENRIQUE FONTENELLE, resolveu transferir o hangar para próximo do Pavilhão do Comando. Estava instalado o Pavilhão de Treinamento Sintético.

### INTERCÂMBIO

Dando cumprimento à tarefa de treinamento dos cadetes da Força Aérea Brasileira, foi designado o Capitão VAN NESS, da Marinha Americana, que chefiando uma Missão Americana de oficiais e engenheiros, conduziu brilhantemente sua tarefa, com interesse e dedicação, proporcionando, ainda, a oportunidade de que oficiais e sargentos encarregados da instrução seguissem para os Estados Unidos, sua pátria, afim de estagiarem na Diretoria de Pesquisas e Inventos da Armada Norte-Americana. Dessa forma, dotou a Escola de Aeronáutica de uma equipe mais bem preparada tecnicamente para a orientação e prosseguimento dos trabalhos.

Convém ressaltar que o Brasil era o único país da América do Sul possuidor da técnica de Treinamento Sintético e daqueles aparelhos para a instrução de seus pilotos de guerra.

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Aeronáutica Brasileira pelo Capitão VAN NESS, o Comandante da Escola de Aeronáutica inaugurou no interior do Pavilhão de

Treinamento Sintético o retrato daquele oficial, além de agradá-lo com as insígnias de aviador da Força Aérea Brasileira.





# OS DOCUMENTOS ESCREVEM A TRAJETÓRIA DO ARQUIVO NACIONAL



Criado em 1838, o Arquivo Nacional guarda, organiza e preserva parcela significativa do patrimônio do país. São mais de 30 quilômetros de documentos manuscritos e impressos, publicações, fotos, mapas, desenhos, filmes, discos e fitas originários de instituições públicas, entidades privadas e particulares. Registro sobre terras, entrada de estrangeiros, patentes de inventos, leis e textos constitucionais, nomeações, processos cíveis e criminais contam a história de nossa sociedade do séc. XVI aos nossos dias.

Foi por acreditar que a documentação arquivística constitui um dos alicerces da memória da nação, que a REVISTA DO CENDOC entrevistou o diretor-geral do Arquivo Nacional, Jaime Antunes da Silva, para ouvir o que o professor e administrador pensa acerca de temas como gestão documental, preservação de acervos e acesso à informação.

**R.C. —** Como o diretor do Arquivo Nacional define "documentação"? O direito à informação em voga implicou em mudanças acerca do papel por ela desempenhado na sociedade?

**J.A.S. —** O acesso à informação é um dado importante, neste sentido o controle das informações produzidas nos arquivos correntes, a gestão de documentos propriamente dita, trabalho do Arquivo Nacional, é fundamental para a modernização dos arquivos a nível do poder executivo, do cidadão e do próprio espaço da atividade documental. Na medida em que se racionaliza o fluxo das informações, a sua recuperação é agilizada, resgatando-se a sua função social. Esta modernização deve ser alcançada já no ato da produção documental para que atinja a modernização dos arquivos permanentes, quando as informações já estarão prontas para os agentes do governo, visando a tomada de decisões. A proposta do Arquivo Nacional para o futuro é o desenvolvimento de uma atividade em comum com os

demais órgãos da Administração Pública Federal por intermédio da definição de uma mesma linguagem visando à atividade-fim. O objetivo é criar um circuito de informações estratégicas atingindo governo e pesquisador de forma a atender o direito dos cidadãos à informação. O importante é cumprir a função social dos arquivos públicos. O projeto é factível. E rápido? Não. A mudança de mentalidade é imprescindível, onde o olhar crítico e moderno deve estar presente na atividade documental que exige, em contrapartida, um melhor aparelhamento de ordem material e de recursos humanos.

**R.C. —** Ainda existe preconceito para com a atividade de preservar os documentos? Qual é a melhor estratégia para vencê-lo?

**J.A.S. —** Atingir os arquivos no momento em que nascem, fazendo ver ao administrador a sua função, mesmo que esta não seja de uso imediato, como fator relevante na tomada de

decisões. Existe um certo desconhecimento por parte do poder público acerca do aproveitamento dos documentos. O reconhecimento por parte do Estado vem em primeiro lugar.

**R.C. —** A tradição do Arquivo Nacional, enquanto órgão de referência, é suficiente para que ele obtenha o respeito dos demais elos da administração pública e do público como um todo?

**J.A.S. —** O contato com a administração pública sofreu uma mudança qualitativa. No bojo da lei foram adquiridas muitas responsabilidades com relação à destinação dos acervos. As consultas frequentes são, por sua vez, um indicativo de que existe um Órgão Central de Sistema, que deve ser ouvido antes da tomada de atitudes drásticas no descarte da documentação. Com relação ao público, de 1970 para cá, optou-se por uma estratégia de divulgação mais maciça, com o Arquivo Nacional aparecendo mais frequentemente na mídia, além de um



trabalho contínuo junto ao meio acadêmico e à comunidade como um todo. O que importa nos nossos dias é a socialização da informação através da transparência administrativa, já definitivamente instaurada nas democracias mais sólidas. Os arquivos devem ser encarados não mais como estorvo, mas como instrumento de aprimoramento da máquina pública.

**R.C. — O Arquivo Nacional é o órgão encarregado de recolher e preservar o patrimônio documental da Administração Pública Federal. Custa caro realizar este trabalho? Como conjugar o enxugamento de recursos com as necessidades de se tratar um acervo sempre em crescimento?**

**J.A.S. —** Armazenar a documentação em condições adequadas é um trabalho oneroso, mas é função precípua do Estado. Os documentos são testemunhos de fatos e a preservação da informação serve não só à máquina estatal, mas representa um direito de cada geração como referência para as futuras gerações. Mas existem dificuldades para a manutenção de políticas plenas para atender à demanda crescente das massas documentais. Hoje os documentos são armazenados, estocados e guardados de forma inóspita e o Arquivo Nacional, por sua vez, não tem condições de receber mais documentos, onde falta espaço para os 35 Km já recolhidos, nos depósitos do Rio de Janeiro e Brasília, desde o período colonial até a década de 70. Existe um projeto para a regionalização do Arquivo Nacional para criação, até 1999, de pelo menos quatro regionais, onde o importante é a ocupação do espaço geopolítico em que a documentação foi gerada. O que se pretende é a formação de uma rede de arquivos correntes (depósitos regionais) com o Sistema Nacional de Arquivos (SINAR) em pleno funcionamento. Só assim o Brasil estará alinhado com os países mais desenvolvidos no que diz respeito à democratização da informação.

**R.C. — Qual é o perfil do usuário do Arquivo Nacional e o que ele busca? Como tem sido a resposta deste**

**usuário aos serviços oferecidos pela Instituição?**

**J.A.S. —** O Arquivo Nacional atende a um público diversificado, já a demanda da própria administração pública atinge um índice mais baixo, existindo também um deficit de recolhimento por parte do Estado. A procura por parte de pesquisadores, especialmente a nível acadêmico, é bastante significativa, inclusive de outras nacionalidades. O cidadão comum é, igualmente, usuário do Arquivo Nacional, onde busca, prioritariamente, a defesa de seus direitos. Tem se trabalhado em uma ação de marketing para valorizar a imagem da Instituição, além da automação dos seus serviços, com resultados positivos.

**R.C. — O que falta ao Arquivo Nacional para a melhoria dos seus serviços? O que é mais difícil: servir ao público ou servir aos objetivos da Instituição?**

**J.A.S. —** Servir ao público é a função primordial do Arquivo Nacional, enquanto organismo dinâmico. Mas para que se atinja este objetivo é necessário que o Estado amplie os seus quadros técnicos através de concursos públicos e ainda, o atingimento de dotações orçamentárias adequadas. Criar, progressivamente, novos espaços de estocagem para o acervo permanente também é uma necessidade. O que se procura, acima de tudo, é tirar da Instituição os ranços do séc. IX, preparando-a para o 3º milênio, sem ignorar os desafios do séc. XX.

**R.C. — Em que medida o Arquivo Nacional valoriza os seus profissio-**

**nais? Como alcançar o melhor engajamento na missão de preservar os documentos?**

**J.A.S. —** Atualmente, o escopo legal é muito importante, com decretos normativos dando respaldo às ações da Instituição. Apesar dos salários baixos, a equipe do Arquivo Nacional é entrosada e participa de um programa de capacitação de servidores que tem possibilitado aos funcionários da casa, nos diversos níveis, o aperfeiçoamento, inclusive no exterior, onde tomam contato com tecnologias mais avançadas. Os cursos são patrocinados pelas agências promotoras (empresas públicas e privadas). Quanto à valorização pecuniária, o Arquivo Nacional não tem condições de influir. Compete ao Arquivo Nacional a conscientização acerca do trabalho importante desenvolvido na Instituição.

**R.C. — Sob a sua ótica, como se conseguir políticas (federais, estaduais e municipais) que valorizem a preservação e a memória do povo brasileiro de forma consistente e que visem, em primeiro lugar, a permanência dos valores culturais da nação?**

**J.A.S. —** Em primeiro lugar, através da implementação de instrumentos que possibilitem a interligação dos arquivos a nível dos três poderes, nas esferas federal, estadual e municipal por intermédio de uma ação modernizadora e reflexiva, impregnando o país de uma missão de resgatar e resguardar o valor dos serviços arquivísticos, em prol do Estado e do cidadão. Através da melhor capacitação operacional, as novas gerações se utilizarão das informações com menor dificuldade que a nossa.



Ocupado até 1983, pela Casa da Moeda, o prédio nº 173 da Praça da República, num dos extremos do Corredor Cultural, se prepara para receber, no futuro, o Arquivo Nacional. O conjunto arquitetônico, tombado em 1938 pelo SPHAN, necessita de obras de restauração.



**O MAIS IMPORTANTE SERVIÇO DE BORDO**



Controle de Tráfego Aéreo  
Informação de Vôo e Alerta  
Meteorologia e Telecomunicações Aeronáuticas



**TASA**  
TELECOMUNICAÇÕES AERONÁUTICAS S.A.

Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, Terminal de  
Carga Aérea, 2º andar - Ilha do Governador - CEP  
21942-900 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: 383-7091 - Fax: (021)  
393-0871



## Biblioteca Nacional - estimulando o hábito de ler palavras e imagens

*"Nosso sonho já se torna realidade, uma Biblioteca Nacional que seja uma presença viva onde quer que esteja a palavra escrita e a memória visual e sonora de nossa cultura."*

*Affonso Romano de Sant'Anna  
Presidente da Fundação Biblioteca Nacional*

**A**lém do Arquivo Nacional, o Rio de Janeiro possui o privilégio de sediar outra importante instituição na área documental, que atua, igualmente, como referência a nível de pesquisa, atendendo a usuários dos mais diversos pontos do país e, ainda, do exterior — é a Biblioteca Nacional.

Localizada no imponente prédio da tradicional Av. Rio Branco, que teve sua pedra fundamental lançada em 1905, a BIBLIOTECA NACIONAL originou-se em Lisboa para substituir a "Real Bibliotheca" por ordem de D. José, rei de Portugal. No começo de 1808, os livros que compunham este acervo foram trazidos ao Brasil por D. João VI, dando início, através de desdobramentos significativos, ao que constitui hoje a BIBLIOTECA que reúne mais de 8.000.000 de obras.

Integrado por livros, periódicos, manuscritos avulsos, códices, peças iconográficas (estampas, gravuras, desenhos, mapas e outras), o acervo da Biblioteca Nacional abrange autores nacionais e estrangeiros, incluindo obras raras como a Coleção Teresa



Prédio da Biblioteca Nacional, em obras na fachada

Cristina Maria, doada por D. Pedro II, as primeiras partituras de Mozart, manuscritos medievais, dois exemplares da Bíblia de Mogúncia (1462) e a primeira edição dos "Lusíadas".

Não se restringindo à condição de Depósito Legal, onde lhe é determina-

do o recebimento de um exemplar de todas as obras impressas no país, a Biblioteca Nacional possui outros mecanismos de aquisição de material bibliográfico de interesse universal, desenvolvendo atividades visando ao enriquecimento, preservação e divulgação do seu acervo.

Com o propósito de se identificar cada vez mais com a memória documental da cultura do país, a Biblioteca Nacional persegue a aproximação com o público, ampliando a sua atuação: além da pesquisa tradicional, oferece os serviços de reprografia a microreprodução, informação documental (a longa distância), informações jurídicas (PRODASEN), banco de teses, supervisão da microfilmagem da produção jornalística do país e restauração de obras raras, onde atende as instituições.





# Patrimônio cultural e identidade nacional

MARCUS TADEU DANIEL RIBEIRO

Engenheiro, historiador da arte, mestre em História do Brasil (IFCS/UFRJ), pesquisador e Chefe de Divisão do Departamento de Proteção do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.

**a** preservação do patrimônio cultural brasileiro é um tema que sempre interessou à população como um todo, pois tal assunto encontra-se no bojo da discussão sobre a questão da identidade nacional. A identidade de um povo nasce da noção de pertencimento de cada cidadão à nação da qual ele faz parte, sendo um dos fatores essenciais para a consolidação de tal sentimento a visão que esse cidadão tem do processo histórico-cultural no qual ele se encontra e que determinou e deu forma à ação contemporânea da sociedade.

Um país que despreza seu passado, ignora as lições da história e busca no estrangeiro, costumes e indicadores comportamentais para seguir de forma incontestante, fragiliza-se enquanto nação e condena seu futuro. O desenvolvimento e a valorização de uma cultura autóctone, embora não possam prescindir do permanente contato e intercâmbio com culturas diferentes, profícuas que são para o enriquecimento cultural da população, não podem, por outro lado, descuidar do projeto de autodeterminação do país, para o qual concorre, de maneira inequívoca, o imenso cabedal de conhecimento que todas as áreas da população produziu, acumulou e transmitiu às gerações subseqüentes ao longo dos séculos.

Estamos falando, portanto, do próprio universo cultural brasileiro, quando nos referimos desde as mais singelas manifestações do fazer popular - uma receita culinária ou farmacêutica, uma dança ou uma música, para ficarmos apenas nestes - até as manifestações tidas como eruditas, como, por exemplo, uma pintura de Vítor Meireles

ou Portinari, uma igreja barroca de Antônio Francisco Lisboa - o genial Aleijadinho, nosso maior poeta da arquitetura religiosa - uma escultura de Rodolfo Bernardelli ou de Vítor Brecheret, uma sinfonia de Vila Lobos, um romance de Coelho Neto, Lima Barreto ou Josué Montelo. Os exemplos não faltam.

Mas o universo cultural do País não se restringe a esses bens tradicionalmente identificados e aceitos como tal, posto que derivam do exercício das artes, da literatura etc. Existe ainda todo um universo de atividades humanas, cuja prática representa um traço cultural o mais essencial da sociedade, de vez que a qualifica e a distingue, em sua unicidade, das demais nações do mundo. O conjunto de técnicas e conhecimentos necessários para a produção de bens destinados à melhoria da qualidade de vida da população constituem de forma a mais abrangente, o patrimônio cultural mais vital de cada sociedade, de cada país. Para conhecê-los, não basta saber apenas o que esses países produzem, mas "como" produzem.

Podemos citar, à guisa de exemplos, o conjunto de conhecimentos necessários para a fabricação de aviões, construídos com a tecnologia desenvolvida nas universidades, centros de pesquisas, e demais setores públicos, onde o engenho, a criatividade e a determinação dos engenheiros, físicos, militares e demais agentes envolvidos com o processo, permitiu a concretização de um sonho, iniciado no voo pioneiro do 14-Bis e perseguido, diariamente, por todos aqueles que entendem que o desenvolvimento de tecnologia própria para a construção de aviões é assunto vital para a autodeterminação da Nação brasileira.

Desta forma, parte do patrimônio cultural brasileiro relativo à aeronáutica não é composto apenas pelos resquícios históricos que testemunham a tenacidade daqueles que, no passado, provaram ser possível viajar pelos céus, mas também por um outro tipo de bem cultural, representado pela posse da tecnologia para construir um veículo fundamental para a promoção da integração nacional e para a garantia da paz.

A perspectiva de desenvolvimento não pode prescindir, assim, do acúmulo do conhecimento das técnicas geradas pelo talento e empenho de nossos antepassados, já que são igualmente partes integrantes de nosso patrimônio cultural. A visão de desenvolvimento dependente dos avanços tecnológicos dos países industrializados já se demonstrou inviável para o Brasil.

A experiência histórica demonstra que as nações não se constituem queimando etapas, mas sim através do estudo sistemático, da experiência contínua, do esforço coletivo em prol de um bem comum, o que só pode ser obtido através da valorização e da preservação de nossa cultura. E essa produção técnico-intelectual vai deixando, ao longo da marcha histórica, traços materiais e imateriais de sua existência, que testemunham e demonstram, para as gerações vindouras, a natureza e o caráter da história de um povo, de suas realizações. A preservação do patrimônio cultural brasileiro, portanto, não se apresenta em contraposição ao progresso: antes, integra-se a tal paradigma e fundamenta-o em suas bases, pois, longe de representar um tipo de saudosismo, ela significa, acima de tudo, um ato de consciência de nossa cidadania e da identidade nacional.



# DOCUMENTAÇÃO: DO PRECONCEITO À PRESSA, A PRATICIDADE COMO RECURSO DO PESQUISADOR

1º Ten.-QFO Luiza C. Guimarães A. de Meneses  
Arquivista

**Q**uem, em sua rotina de trabalho, nunca precisou de certa informação contida em algum tipo de documento? Quantos, na ânsia de encontrá-la, já não apelaram para a memória própria ou alheia? Qualquer um de nós, diante da necessidade de tomar uma decisão acertada, parte para a busca do conhecimento. Este conhecimento deveria ser procurado nos registros de informação que, via de regra, são os documentos.

O saber traduzido para os documentos é aquele que já foi conquistado na prática ou através da observação científica, desta forma, antecipar uma resolução sem prévio conhecimento do assunto significa, no mínimo, o risco de se naufragar em erros e simplificações. Afinal, ignorar as experiências já comprovadas representa, acima de tudo, ignorância e porque não dizer: irresponsabilidade.

Aquele que lê, estuda e pesquisa não só acrescenta informações ao seu repertório de dados, particular e único, mas da mesma forma, racionaliza o seu tempo e ganha em experiência, agora ratificada e ampliada pelas vivências de outros prescrutadores do conhecimento, de agora e de ontem.

---

*Documento não é papel velho e sim informação viva; arquivo não é sinônimo de coisa morta e reconstituição bolorenta do passado; uma biblioteca jamais pode ser identificada como acúmulo de conhecimento dispensável ao ritmo acelerado dos tempos presentes.*

---





Embora aparentemente lógica, uma assertiva sem estar fundamentada, torná-se-á vulnerável ao mais simples olhar crítico, que dirá ao rigor científico. Na prática, investigar, pesquisar e consultar, são sinônimos de perda de tempo, o que para nós, especialistas, pode ser traduzido como a negação da cultura e da oportunidade de se acumular sabedoria e, como consequência natural, da possibilidade de dividi-la com a sociedade enquanto organismo em evolução, dependente, também, da nossa vontade de aprender.

Buscada viciosa e rotineiramente de "boca-a-boca", com o suporte da "infalível" memória humana, a informação é fragmentada numa cadeia que, por fim, deixa de possuir a imanência do significado que se procura, quer dizer, a fidedignidade de conteúdo.

## DOCUMENTAÇÃO? EM PRIMEIRO LUGAR, O PRECONCEITO

"Antecipar conceitos ou opiniões sem conhecimento do assunto"- o *preconceito* também está presente na *documentação* sob a forma do estigma da decadência. Ainda é muito comum impressões como: amontoado de papéis velhos, informações inúteis e outras, sempre associadas a estagnação. Dentro desta ótica simplista, arquivo, biblioteca e museu estão enquadrados na mesma categoria de pensamento.

Em contrapartida, muitos daqueles que hoje suprimem a etapa da pesquisa aos documentos já viveram algum tipo de experiência desastrosa no campo da organização documental, daí a (pré)conceituação.

Mas, em verdade, se ocorreu, por algum motivo, perda de tempo para se obter determinado documento, ou seja, se a recuperação da informação foi morosa, com certeza tal fato adveio da falta ou má organização dos documentos, visto que, se organizados dentro do rigor técnico, os documentos oferecem respostas imediatas e informações confiáveis. Entretanto, para se chegar a este ideal, é importante que sejam seguidos os métodos científicos.

Documento não é papel velho e sim informação viva; arquivo não é sinônimo de coisa morta e reconstituição bolorenta do passado, é matéria viva; uma biblioteca, de forma alguma, pode ser identificada como acúmulo de conhecimento dispensável ao ritmo acelerado dos tempos presentes.

*Tão errôneo quanto ignorar a ingerência da documentação na organização dos documentos é associar a palavra documento à idéia de papel, e isso é muito comum, enquanto que na moderna concepção da palavra, documento é o registro de uma informação, independente da natureza do seu suporte.*

A preservação dos documentos não tem somente o sentido histórico cultural, como muitos podem imaginar. Quando Bangladesh foi destruída por um ciclone em 1970, o que permitiu a reconstrução da sua rede de água e esgotos foram as plantas arquivadas por empresas particulares. Igualmente, os planos para a construção de uma ponte ligando o Rio de Janeiro a Niterói, datados de 1872, serviram de subsídios, quase 100 anos depois, para se conhecer a evolução das águas da Baía de Guanabara, quando da construção efetiva daquela obra que se transformou em exemplo de nossa engenharia e cartão postal do Rio de Janeiro.

## DOCUMENTO NÃO É SÓ PAPEL

A par das recomendações técnicas, ainda existem pessoas que, diante de uma grande massa documental que extrapola a sua capacidade de administração, guarda e controle, apressadamente vaticinam: "a solução é eliminar" ou, na melhor das hipóteses, "tem que microfilm" ou, ainda, "vamos informatizar", alternativas extraídas sem o amparo técnico-científico necessário.

Somente a *documentação* pode tratar cientificamente os documentos. Definida como um conjunto de conhecimentos e técnicas que tem por fim a pesquisa, a reunião, a descrição, a organização, o estudo, a produção e a utilização de documentos de qualquer espécie; abrange os campos da biblioteconomia, museologia, arquivologia, iconografia, discografia, dentre os mais importantes.

Tão errôneo quanto ignorar a ingerência da documentação na organização de documentos é associar a palavra *documento* à idéia de *papel*, e isso é muito comum, enquanto que, na moderna concepção da palavra, DOCUMENTO é o registro de informação, independente da natureza do seu suporte.

Se o suporte da informação estiver em um desenho ou gravura, tem-se um documento iconográfico, se esta estiver sob a forma de mapa, atlas ou plantas,

o documento será cartográfico. Suportes na formas de filmes, fotografias, microfilmes, discos, fitas magnéticas e outros da mesma natureza, produzem documentos audiovisuais. Somente os suportes de informação manuscritos, datilografados e impressos constituem documentos textuais. Modificam os suportes, variam os tipos de documentos, no entanto, todos são documentos no sentido que trazem em si guardados a informação.

## A INFORMAÇÃO RÁPIDA E OPORTUNA

Vivemos hoje o processo da chamada "*explosão da informação*", onde os documentos encontram-se em vertiginoso crescimento qualitativo e quantitativo. O progresso científico e tecnológico; a espetacular evolução dos diversos campos do conhecimento humano, com a especialização cada vez maior no exercício das profissões; o advento de variados tipos de organização social, incluindo governos e instituições internacionais, e, por fim, o implemento da pesquisa em caráter público e privado com interferência direta das universidades; influíram, sensivelmente, no aumento e complexidade dos documentos, provocando o aperfeiçoamento das técnicas de registro e análise.

Atendendo a estas exigências, um dos fenômenos que caracterizam a nossa época é a premência das informações serem obtidas imediatamente, ao mesmo tempo em que os avanços da tecnologia da comunicação acabam por gerar, diariamente, uma nova gama de documentos. E o que somos nós, sem a informação precisa no momento oportuno? Da mesma forma que pode constituir um dado valioso para quem a busca, a informação pode ser perdida pela falta de tratamento adequado do documento.

Os Arquivos, as Bibliotecas, os Centros de Documentação e Informação possuem, antes de mais nada, uma nobre e importante missão: preservar e servir, conceitos que, dia-a-dia, merecem ser revistos em função da pressa destrutiva da civilização pós-industrial, pressa que, por sinal, não está tão somente colocando abaixo documentos e monumentos da história, mas árvores, campos, montanhas, a água dos rios e dos mares, as plantas, almas, a vida, enfim...

A Ten. Luiza Guimarães é chefe do Arquivo Geral do M. Aer.



# DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA, AS ORIGENS DA BIBLIOTECA

1.º Ten.-QFO Teresa C. Malfitano P. Chagas  
Bibliotecária

**D**esde os primórdios dos tempos, os seres humanos viram-se impelidos a perpetuar suas experiências e conhecimentos. Para tal aventuraram-se a criar formas de comunicação escrita com seus suportes. Inicialmente eram usadas as pinturas nas paredes das cavernas na intenção de transmitir as vivências particulares aos seus semelhantes.

Com a evolução humana foram surgindo outros sistemas de escrita, como os caracteres cuneiformes, os hieróglifos, até o aparecimento do alfabeto antigo. Paralelamente, os suportes destes sistemas também sofreram modificações, tornando-se transportáveis e "fáceis" de guardar, onde encontramos os tabletes de argila, o papiro, o pergaminho e, por fim, o papel.



Biblioteca do Vaticano



Exemplos de "códice", onde o pergaminho recebia a escrita nas duas faces

12

## O CONHECIMENTO RESTRITO ÀS ELITES

**N**a antiguidade existiram várias "bibliotecas", embora se constituíssem, na maioria, em propriedades de palácios ou templos e suas obras fossem consideradas sagradas. Supõe-se que a primeira biblioteca tenha sido fundada por Assurbanipal

em 7 a.C., situada na Assíria e possuindo uma grande quantidade de tabletes de argila com inscrições, separados então por títulos e assuntos.

As bibliotecas mais importantes da alta antiguidade eram as do Egito. Osimandias fundou a primeira biblio-

teca deste período em Tebas, em Menfis existia outra que, segundo Naucrates, teria sido palco de um episódio singular na história da literatura: Homero teria furtado desta biblioteca os manuscritos da Ilíada e da Odisséia que "publicou" em seguida como



obras suas. Porém, as mais famosas de todas as bibliotecas egípcias eram as de Alexandria. Uma localizava-se no palácio real com quatrocentos mil volumes e outra no templo Júpiter Serapis com trezentos mil volumes, sendo que esta só foi fundada quando a primeira estava com sua capacidade esgotada.

*Na Antiguidade existiram várias "bibliotecas", embora se constituíssem, na maioria, em propriedades de palácios ou templos e suas obras fossem consideradas sagradas.*

Depois da morte de Alexandre "o grande", Ptolomeu, macedônico, estabeleceu-se em Alexandria e foram justamente os ptolomeus que favoreceram a cultura do papiro, além de manterem um exército de copistas. Assim é que Ptolomeu Evergeta tomou emprestadas dos antenienses as obras de Esquilo, de Sófocles e de Eurípedes, devolvendo-lhes as cópias que tinha mandado fazer e mantendo os originais em Alexandria. Nesta época, também ocorreu a tradução histórica dos livros sagrados dos hebreus que setenta sábios passaram para o grego recebendo, assim, o nome de "versão dos setenta".

#### A ESCASSEZ DO PAPIRO

Em Pérgamo, no mesmo período, instituiu-se uma autêntica dinastia grega. Neste momento surge uma rivalidade entre Pérgamo e Alexandria. Como o papiro era encontrado em abundância nas margens do Nilo, Pérgamo necessitava importá-lo. A escassez natural do papiro vieram juntar-se as guerras criando um obstáculo a sua importação e, uma vez que as invenções nascem da necessidade, o homem teve que recorrer a outro material

para suporte da escrita.

*Porém, pesquisadores como Rouveyre e Albert Cim informavam que os pergaminhos também eram feitos de pele humana. Rouveyre é taxativo quando declara: "As obras encadernadas em pele humana não são muito raras e existem realmente, embora já se o tenha negado..."*

Sob as ordens de Eumenes II, fundador da biblioteca de Pérgamo, ficou determinado que o melhor material para substituir o papiro era o pergaminho, ou seja, a pele de carneiro ou terneiro curtida. Porém, pesquisadores como Rouveyre e Albert Cim informavam que os pergaminhos também eram feitos de pele humana. Rouveyre é taxativo quando declara "As obras encadernadas em pele humana não são muito raras e existem realmente, embora já se o tenha negado...". Albert Cim comenta a existência de "numerosas espécimes destas encadernações, e a pele humana fornece, segundo dizem, um couro sólido, espesso e granuloso."

A biblioteca de Pérgamo também mantinha um grupo de escribas e desta maneira chegou a conter cerca de duzentos volumes. Com as guerras de expansão do Império Romano e a tradição dos saques dos bens dos povos conquistados, o acervo desta biblioteca foi confiscado pelos romanos e, posteriormente, doado a Cleópatra por Marco Antônio. Estes documentos enriqueceram a biblioteca do templo de Júpiter Serapis, visto que a do palácio real foi incendiada quando da entrada de César em Alexandria.

Todas as obras (manuscritos únicos) existentes no templo foram destruídas em incêndio lavrado pelos muçulmanos de Omar por motivos religiosos, porém Albert Cim afirma-

va ". . . a secção de Serapio foi destruída pelo bispo Teófilo quatrocentos anos depois por força de um edito de Teodósio que ordenava a supressão de todos os templos pagãos".

#### AS FORMAS DO LIVRO

O "livro" da antiguidade possuía a forma de rolo, sendo que o tamanho dependia do gosto e conveniência do escritor. A escrita era apresentada em colunas, as extremidades do rolo amarradas a varetas pintadas ou decoradas, as laterais simetricamente cortadas, alisadas e coloridas e o rolo amarrado com fios de cores brilhantes. Para o transporte existia uma caixa cilíndrica que possuía cabo flexível com uma argola de cada lado.

As bibliotecas daquela época eram constituídas de ninhos escavados nas paredes e onde os rolos permaneciam armazenados, além de mesas de leitura as quais possuíam um suporte vertical para facilitá-la. As obras ficavam nos "nindus" tornando-se identificáveis através de uma etiqueta com os respectivos títulos, localizando-se para fora do ninho.

Ao se descobrir que o pergaminho podia receber a escrita nos dois lados, o precursor do livro deixou de ter a forma de rolo para tomar as dimensões retangulares, passando a denominar-se "códice". Esta evolução do suporte da escrita, ocasionou mudanças radicais na organização estrutural das bibliotecas, tal como o aparecimento do "armarium", além de representar, segundo Wilson Martins, o "passaporte" para a Idade Média no que diz respeito à história daquele que primeiro se identificou com a democratização do conhecimento humano - O LIVRO.

*A Ten. Malfitano é Chefe da Biblioteca.*



*A Banda de Música está presente em nossa civilização desde os seus primórdios. O termo "Banda" aparece já nos primeiros séculos da era cristã, nas milícias bizantinas, onde os pequenos grupos que se reuniam para cantar e tocar instrumentos da época eram denominados "bandos". Durante grande parte do período bizantino, que abrangeu toda a Idade Média, esses grupos espalharam-se pela Europa, especialmente, Grécia e Roma, incluindo grande parte do Oriente.*

**C**harles VII e Luiz XI, na França, foram os pioneiros no apoio às Bandas de Música, selecionando elementos para criar as primeiras que, com o ritmo marcial das músicas, excitavam o ânimo dos soldados, encorajando-os e despertando-lhes o sentimento guerreiro no combate ao inimigo.

*Foi a partir do ano 1000 que os grupos de instrumentistas começaram a ser constituídos para atender a determinadas necessidades bélicas e festivas. Já no século XVIII, houve uma notável evolução dos instrumentos de percussão e sopro com a família dos Saxhorns.*

A evolução da "Banda" sempre esteve associada ao progresso dos instrumentos musicais e foi assim que os "bandos" de músicos só vieram a ser considerados "Banda de Música" no primeiro milênio da era cristã, enquanto que os instrumentos musicais existiam desde os primórdios da humanidade.

### EVOLUÇÃO E HISTÓRIA

Um conjunto de musicistas executores de instrumentos de madeira, metal, percussão e cordas, destinado à apresentação de obras de variados gêneros, desde marchas militares, dobrados e valsas até peças populares - assim uma Banda de Música pode ser definida hoje. Mas até chegar a este estágio, como a conhecemos, evoluiu, adaptando-se e sofrendo influências de épocas distintas, com características próprias.



Banda de Música da Base Aérea do Galeão, em apresentação na Escola de Música da UFRJ.

Foi a partir do ano 1000 que os grupos de instrumentistas começaram a ser constituídos para atender a determinadas necessidades bélicas e festivas. Já no século XVIII, período do classicismo, houve uma notável evolução dos instrumentos de percussão e sopro com a invenção da família dos Saxhorns, até então, as Bandas de Música não tinham formas definidas, e instrumentos de toda espécie eram introduzidos nos conjuntos, indiscriminadamente.

*O peso acústico e a correspondência sonora entre os instrumentos, similares às bandas atuais, já identificavam as bandas de música no século XIX.*

O aparecimento das associações civis com a criação de bandas de música nas fábricas e usinas, constituídas pelos próprios operários, foi outro fator importante de implemento da atividade sendo que a partir de 1750, com personalidade mais definida, passaram a haver apresentações nas praças e jardins públicos de toda a Europa.

No século XIX o efetivo das bandas passou a ser regulamentado por lei e em 1845, atendendo a convite do governo francês, renomados especialistas como "Garrafa", Adolphe Sax e Spottini, juntamente com outros interessados, reuniram-se definindo um tipo oficial de banda militar integrada por quarenta e oito figuras, aproximadamente, com aprovação daquele governo.

O peso acústico e a correspondência sonora entre os instrumentos, similares às atuais bandas, já identificavam



# BANDAS DE MÚSICA, DO EMPREGO MILITAR ÀS APRESENTAÇÕES NAS PRAÇAS, UM REFERENCIAL DE CULTURA

1º Ten. -QOEA Jorge Paes Simões  
Especialista em Música

as bandas de música no século XIX. Foi neste período, em 1808, com a chegada da família real que se registrou no Brasil o funcionamento de uma banda nos moldes europeus.

Em 1810 cada regimento passou a dispor de um Corpo de Música, composto de 12 a 16 executantes e em 1914 começaram a se espalhar nos quartéis o ensino e a prática de instrumentos musicais que mais tarde serviram de modelo para criação das bandas civis. A partir daí, as bandas de música multiplicaram-se por todo o Brasil, servindo de referencial de cultura do seu povo.

## AS BANDAS NO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

A primeira banda de música do Ministério da Aeronáutica que se tem notícia teve origem na Escola de Aviação Militar e sua apresentação pioneira foi registrada no dia 13 de novembro de 1935, na Feira Internacional de Amostras, oportunidade em que foi ouvido, também pela primeira vez, o Hino dos Aviadores. O seu organizador e primeiro regente foi o 2º Tenente Mestre de Música JOÃO NASCIMENTO, hoje patrono dos músicos da Força Aérea Brasileira.

Em 1º de setembro de 1942, o Ministro da Aeronáutica, Joaquim Pedro Salgado Filho, determinava a criação de Bandas de Música nas sedes das Zonas Aéreas e; nas Bases Aéreas, bandas de Corneteiros. Na década de quarenta, ainda seriam criadas outras bandas nas Bases Aéreas do Galeão, Salvador, Santa Cruz e na Escola de Especialistas de Aeronáutica, entretanto, a atividade musical no âmbito do Ministério da Aeronáutica só veio a ser regulamentada em 08 de dezembro de 1953.

O crescimento e a modernização do M. Aer. trouxeram, também, a neces-

sidade de criação de outras Bandas de Música, sendo que hoje existem vinte e três em funcionamento, possuindo quatro classificações: uma do Tipo Extra (sinfônica), duas do Tipo Especial, seis do Tipo I e quatorze do Tipo II. As primeiras estão mais aptas à execução ampla do repertório clássico tendo em vista a sua formação estrutural.

*... as Bandas de Música, com seus dobrados, hinos e canções, possuem identidade própria com o espírito militar e é justamente este espírito que está presente quando se assiste a um desfile, ou quando se acompanha o "Hino dos Aviadores", a canção "Bandeirantes do Ar", ou qualquer outra.*

Participar das atividades do cerimonial militar e do adestramento de tropas. Apesar de representarem a

missão primeira das nossas bandas de música, estes objetivos não alcançam a atuação que hoje se observa, onde o aspecto cultural foi incorporado, através de apresentações dentro e fora do Ministério da Aeronáutica, em caráter erudito e popular, servindo as bandas de importante instrumento de Relações Públicas.

A par dessas considerações, as Bandas de Música, com seus dobrados, hinos e canções, possuem uma identidade própria com o espírito militar e é justamente este espírito que está presente quando se assiste a um desfile, ou quando se acompanha o "Hino dos Aviadores", a canção "Bandeirantes do Ar", ou qualquer outra. Estas referências ajudam a manter vivos os valores da cultura militar, onde a tradição está presente nos momentos fugazes de uma apresentação musical.

*O Ten. Simões é Chefe da Seção de Música*



Participação da Banda de Música da Universidade da Força Aérea em solenidade militar no CENDOC.



# BIBLIOLOGIA: a disciplina na produção do livro

1.º Ten.-QFO. Cristina F. Da Silva Pereira  
Bibliotecária

No passado, o termo bibliologia significava, simplesmente, "história do livro", conceito ampliado, com o passar do tempo, para o conhecimento global do livro, compreendendo a sua técnica (bibliotecnia), a sua inventariação e descrição (bibliografia), o seu colecionamento (bibliofilia) e, ainda, a sua guarda, conservação e circulação (biblioteconomia).

A bibliologia tem como objeto a fabricação do produto bibliográfico (livro, folheto, periódico) pelos diferentes processos de composição, impressão e montagem, visando a explicar as diversas manifestações do livro e de modo mais geral, do texto escrito, quer se trate de sua produção, distribuição ou leitura. É a disciplina do livro, que o examina do ponto de vista de sua estrutura, e elementos materiais, a fim de que a mensagem possa ser transmitida e entendida com máxima amplitude.

A construção do livro é precedida de um projeto gráfico, cujo objetivo é disciplinar a seqüência das várias partes que o compõem e orientar sobre o modo adequado de usar os elementos gráficos de cada uma (letras, sinais, diagramas, ilustrações) buscando subsídios na gramática da língua, na psicologia da leitura e, eventualmente nas normas técnicas em vigor no país. Para cada livro ou periódico, haverá um projeto gráfico e várias são as maneiras de realizá-lo, como definição do seu formato, papel, cobertura, margens, colocação de ilustrações, dentre outros atributos.

Um livro pode ser razoavelmente bem impresso em qualquer tipo, desde que seja legível e não disperse a aten-

ção do leitor com relação ao seu conteúdo. Uma página bem montada, por sua vez, acrescenta qualidade e boa aparência ao livro.

## MANUAL DE ESTILO

A nitidez, clareza e compreensão do texto escrito depende não só da escolha de um papel de boa qualidade para impressão e do acerto da composição, mas até mesmo das condições de manuseio do livro e do peso e formato do volume, tendo em vista o público que ele irá alcançar: livro de leitura corrente, livro de referência, livro infantil, etc. Os códigos tipográficos ou manuais de estilo trazem regras para o uso de itálicos, versaletes, maiúsculas, abreviaturas e demais tipos.

Existem normas brasileiras, aprovadas ou em projeto na ABNT sobre a numeração progressiva, abreviação de títulos, sinopse e resumos, legenda bibliográfica, apresentação de artigos, maneira de datar, ordem alfabética, revisão tipográfica e datilográfica e referências bibliográficas que norteiam a composição do livro.

O formato do livro é resultante, por sua vez, da dobragem das folhas de impressão em seus vários tamanhos. Um livro é constituído de um ou mais cadernos, um caderno é resultado da dobragem, certo número de vezes, de uma folha de impressão (folha de papel de determinado tamanho onde se imprimem as páginas, de ambos os lados, de modo tal que formem uma seqüência numérica correta após a dobragem).



Precedendo ao ato da leitura, todo livro possui um projeto gráfico - Sala de consultas da Biblioteca Nacional

Conhecendo os elementos da bibliologia se aprende como fazer e se amplia o conhecimento do livro, desde o original até o volume impresso. É reconhecido o lugar dominante que o livro impresso ocupa hoje na formação da cultura, na sua divulgação e até na própria criação literária que, de algum modo, se sente condicionada por aquilo que lhe dará sua forma final.

O imenso espaço que o livro progressivamente ocupa, seja no gabinete dos letrados, seja no meio das massas e até nas camadas menos cultas da sociedade, o tornam o grande instrumento e o material mais poderoso no campo das idéias e formas de transmitir a emoção duradoura. Segundo Antônio Howaiss em "Elementos de Bibliologia", o livro é o veículo. Certa é, pois, a atitude que lhe dará o tratamento que sua responsabilidade exige. O próprio termo bibliologia, já conhecido mas de uso não muito corrente, está sendo agora difundido para que se fixe a compreensão de que há um "logos" (palavra) para o livro e não só uma "grafia enumerativa".

A Ten. Cristina Pereira é Chefe da Divisão de Documentação



# Brasilia: o polivalente!

A versatilidade do EMB-120 Brasilia possibilita um excelente e rentável desempenho nos mais variados tipos de missão.

Além de sua consagrada versão de transporte regional para 30 passageiros, largamente utilizada por empresas do Brasil e de vários outros países do mundo, o Brasilia pode ser usado, com máxima eficiência, no transporte executivo, de cargas, malotes postais e também em versões ambulância.

Procure conhecer melhor essas opções. Certamente uma delas atenderá plenamente suas necessidades.



Para maiores  
informações  
Divisão de Vendas  
Tel.: (0123) 21-8358  
25-1478  
Fax: (0123) 25-1090

 **EMBRAER**  
Aviões para o mundo





Fachada da Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena - MG.;

**Preservar . . .**

# O Ministério da Aeronáutica também busca a sua história

1.º Ten.-QFO Silvana M. Ferreira Vieira

Participação: 1.º Ten.-QFO Elaine Victor de Moraes  
Jornalistas



Galeria do Cadete Imortal, monumento da época da extinta Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos, atual Universidade da Força Aérea.

Falar hoje de preservação pode ser considerada uma atitude tão desafiadora quanto a própria tarefa de preservar. No próprio significado da palavra TOMBAR, convivem idéias totalmente opostas: "Pôr (o Estado) imóveis sob a guarda, para conservar e proteger"; ao mesmo tempo em que "deitar ao chão", fazer cair, "derrubar".

O mais contraditório é que esta realidade não partilha o mesmo espaço apenas nas páginas de dicionário, mas nas ruas de nossa cidade, nos recantos do nosso país, que, descontando tentativas isoladas de preservação, tão relutante se apresenta quando se trata de conservar a cultura do seu povo, a sua história, enfim.

Por outro lado, é do resultado de nossas ações isoladas e coletivas - sábias ou inseqüentes, críticas ou imediatistas - que o patrimônio histórico e cultural que nos pertence, acima de tudo, será valorizado ou deixado ir ao chão, destruído pelo descaso, TOMBADO no sentido mais indesejável da palavra.



## MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA INICIATIVAS DE PRESERVAÇÃO

**D**esta forma, importa guardar, conservar, preservar. E com esta mentalidade que iniciativas vêm sendo tomadas a nível do Ministério da Aeronáutica de forma a manter vivos os seus monumentos, edificações, aeronaves e peças que constituem documentos da sua história, desde a criação da Corporação em 1941, a partir da fusão das Escolas de Aviação Militar do Exército e Escola de Aviação Naval, originando a Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro.



1ª Edificação da Academia da Força Aérea, em Pirassununga - SP, atual prédio da Divisão de Infra-estrutura.



Monumento "Aeronave Gloster Meteor F-8", localizado na Base Aérea de Canoas - RS. Juntamente com os T1-7, os F-8 iniciaram a era do jato no Brasil, em 1953.

No que diz respeito a estes bens considerados de valor histórico, o Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica procura transformá-los em referência cultural para a Instituição a partir dos TOMBAMENTOS, o primeiro passo no caminho efetivo da preservação.

O processo de tombamento pode ter origem na primeira célula do Ministério da Aeronáutica - qualquer elemento humano que integre os seus quadros ou mesmo outro cidadão que, embora não possuindo esta condição, seja capaz de enxergar o valor de determinado bem enquanto fonte histórica. Entretanto, é na Organização Militar que, concretamente, o tombamento é proposto dentro dos trâmites oficiais.

Na prática, o tombamento é definido em uma publicação denominada IMA 210-2 "Tombamento de Bem Patrimonial Histórico e Cultural" que, preenchido, retorna ao CENDOC dando origem a análise através de comissão integrada por especialistas.

Definido o parecer da Comissão de Patrimônio Histórico e Cultural (CPHC), a proposta é submetida à apreciação do Ministro da Aeronáutica e, se oficializada, o bem tombado passa a integrar o acervo histórico da Instituição, devendo manter conservadas as suas características originais que o identificam como referência cultural.

O tombamento histórico é tão somente o primeiro atalho tomado em direção à preservação de nossos valores históricos - dentro e fora do Ministério da Aeronáutica - mas já representa um olhar crítico voltado para a valorização das origens e de tudo o que se constrói hoje. Evidentemente, muitos outros passos virão a seguir.



Estação de passageiros do Aeroporto de Poços de Caldas - MG, tombada a nível do município e mantida com a participação do Departamento de Aviação Civil - DAC.

A Ten. Elaine Victor é chefe da Seção de Heráldica e da Seção de Tombamento



# CABANGÚ

1º Ten.-QFO Silvana M. F.Vieira



Em 1919, por força de lei, a Casa de Cabangú e terreno circundante foram doados ao inventor



Em "Cabangú", o quarto ocupado por Santos Dumont



Museu Santos Dumont

Indivíduo que vive no ma-  
to... "Cabano" na língua Tu-  
pi ... Cabangú. Localizado  
no alto da Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais, na  
antiga Palmyra, aquele sítio  
com denominação de ori-  
gem indígena viu nascer  
em seus braços o menino  
ALBERTO que mais tarde,  
pelo seu talento particular,  
emprestaria seu nome à  
terra que testemunhou com  
especial orgulho os seus  
passos - SANTOS DUMONT, o  
pai e o berço da AVIAÇÃO.

Exatamente no dia 20 de  
julho de 1873 no Sítio de  
Cabangú, na época uma  
antiga propriedade da Es-  
trada de Ferro Central do  
Brasil, desprovida do mais  
rudimentar conforto, nascia  
da união de Henrique Du-  
mont, engenheiro compe-  
tente e filho de Imigrante  
francês e Francisca Santos,  
descendente de tradicional  
família mineira, o homem  
que se transformaria no he-  
rói capaz de desafiar as leis  
da física e da natureza até  
cruzar os céus dando início  
a uma nova era na história  
da civilização.



# NA SERRA DA MANTIQUEIRA, AS ORIGENS DA AVIAÇÃO

O próprio nascimento de ALBERTO SANTOS DUMONT por si só já não foi desprovido do espírito de aventura que tanto caracterizou a sua vida. Seu pai, corajoso engenheiro, empreitou na época, no alto da Serra da Mantiqueira, a construção do trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II entre a então localidade de João Gomes (posteriormente Palmyra e Santos Dumont) e João Aires, e foi para melhor desencubir-se do encargo, que levou a família, esposa e cinco filhos, para a casa onde viria a nascer o mais famoso de todos os oito. O nascimento ocorreu, como de hábito, na casa de residência da família e foi nas primeiras horas da madrugada que ALBERTO veio ao mundo para a alegria dos pais e, tempos depois, da humanidade.

A estadia da família em Cabangú foi relativamente breve e em 1875, vencido o contrato de Henrique Dumont com a ferrovia, a residência foi transferida para o município de Valença, no Rio de Janeiro, passando a dedicar-se à lavoura. De Valença, a família fixou residência em Ribeirão Preto, explorando a partir daí a cultura do café. Foi em Ribeirão Preto, na época o Sertão de São Paulo, que DUMONT conheceu as primeiras letras.

## O RETORNO A CABANGU

Depois de conhecer de perto a vitória com suas conquistas na área da aviação e da longa permanência na Europa, Santos Dumont regressa ao Brasil, desgostoso com o emprego da sua invenção na Guerra de 1914 "Nós os precursores da locomoção aérea, havíamos sonhado para ela um frutuoso caminho de glória pacífica". E a tranquilidade ao coração tão atingido pelas emoções foi buscada no seu berço - Cabangú.

Em 1919 por força de lei, a casa e

terreno circundante foram doados ao inventor que comprou as terras adjacentes passando a dedicar-se à criação de gado holandês. E desta fase a placa afixada por ele na casa de Cabangú: "Esta casa, onde nasci, me foi oferecida pelo Congresso Nacional como prêmio dos meus trabalhos. Santos Dumont".



Detalhe do primeiro "buchet" que acordou, em pleno ar, Paris assustada - no Museu Santos Dumont

Mas o afincio e o trabalho na cidade natal cuidando da terra e dos animais durou pouco; em 1924 escreve de Paris ao amigo Antonio Carvalho pedindo "a venda das terras menos o pasto que fica em frente da casa, o pasto que fica entre a Estrada de Ferro e o mato e toda a mata. Isto eu guardo, assim como a casa." A partir daí Santos Dumont percorreu os sanatórios da Europa e mesmo seriamente doente, reiterava a velha idéia da interdição dos aviões como arma de guerra. Na manhã de 23 de julho de 1932 a morte o surpreendeu aos cinqüenta e nove anos de idade.

## PRESERVAÇÃO

No mesmo ano de 1932 a memória de Alberto Santos Dumont estaria ligada intimamente à terra onde nasceu — pelo Decreto Nº 10.447, de 31 de julho, a cidade de Palmyra assumiu o nome do seu imortal filho SANTOS = DUMONT. E para preservá-la foi criada a Fundação Casa de Cabangú que, aliada ao Museu Santos Dumont, instituído por decreto do governo do Estado de Minas Gerais, reúne um rico acervo acerca do inventor, incluindo cartas, fotografias, objetos pessoais, mobiliário.

Todo o espaço da FAZENDA CABANGÚ é aberto à visitação pública estendendo a todos a possibilidade de contato com o universo mágico de SANTOS = DUMONT, onde a beleza dos bosques, a simplicidade da residência e a riqueza dos seus projetos, presentes nos documentos, sugerem uma personalidade única e cativante que, acima de tudo, merece ser admirada por ter sido um brasileiro. Um brasileiro que é o pai da Aviação.





# BENS HISTÓRICOS TOMBADOS



Aeronave C-47 - 31 Ago. 81 - Universidade da Força Aérea - RJ.

Aeronave P-15 - 7009 - 31 Ago. 81 - Base Aérea de Salvador - BA.

Antigas Instalações da Cia. AIR FRANCE quando em operação em PARNAMIRIM FIELD - 11 Jan. 84 - Comando Aéreo de Treinamento - Natal - RN.

Cine Teatro Campal - 11 Jan. 84 - construído pelos americanos em PARNAMIRIM FIELD no decorrer da 2ª Guerra Mundial - Comando Aéreo de Treinamento - Natal - RN.

Capela construída pelos americanos em PARNAMIRIM FIELD, no decorrer da 2ª Guerra Mundial - 11 Jan. 84 - Comando Aéreo de Treinamento - Natal - RN.

"Prédio Histórico" acervo da antiga Base de Hidroaviões, conheci-

do por "Rampa" - 11 Jan. 84 - Comando Aéreo de Treinamento - Natal - RN.

Monumento Aeronave P-47 "Thunderbolt" matrícula 226.450 - 06 Ago. 84 - Base Aérea de Recife - PE.

Monumento Aeronave B-17 "Flying Fortress" matrícula 5.402 - 06 Ago. 84 - Base Aérea de Recife - PE.

Monumento Aeronave "Gloster Meteor" matrícula F-8 - 11 Jul. 86 - Base Aérea de Canoas - RS.

Monumento Aeronave "Lockheed" matrícula AT-33 - 11 Jul. 86 - Base Aérea de Canoas - RS.

Hangar de Nariz, prédio histórico construído pelo Exército Norteamericano em 1942 - SDPA 11-06-H-008 - 11 Jul. 86 - Comando Aéreo de Treinamento - Natal - RN.

Fachada da 1ª construção do "NUALADA" história da fundação da Era Supersônica do Brasil - 11 Jul. 86 - Base Aérea de Anápolis - GO.

1ª Edificação da Academia da Força Aérea, que originou a nova Escola de Aeronáutica - 11 Jul. 86 - Pirassununga - SP.

Placa de bronze, homenagem da FAB aos veteranos da PANAIR - 11 Jul. 86 - Base Aérea de Manaus - AM.

Hélice em madeira usada pelo avião TAGUARY no 1º voo ao Território do Acre - 11 Jul. 86 - Base Aérea de Manaus - AM.

Fachada do Prédio do Comando da Base Aérea do Galeão, localizada na Ponta do Galeão, construído nos anos 20 - 03 Mai. 89 - Base Aérea do Galeão - RJ.

Fachada do Prédio do Comando da Base Aérea de Fortaleza - 17 Mai. 90 - Base Aérea de Fortaleza - CE.

Fachada Histórica do Prédio da Divisão de Ensino da Escola de Especialistas de Aeronáutica - 20 Jun. 91 - Escola de Especialistas de Aeronáutica - Guaratinguetá - SP.

Estação de Comunicação e Auxílio à Navegação Aérea - 28 Fev. 92 - Base Aérea de Belém - PA.

Fachada principal do prédio do Comando e fachadas principal e laterais do prédio do Laboratório de Química da EPCAR - 10 Abr. 92 - Escola Preparatória de Cadetes-do-Ar - Barbacena - MG.



“A documentação tornou-se dinâmica por excelência graças as suas modernas finalidades de educação e informação. As bibliotecas modernas não são mais um depósito de livros, mas depósitos de tesouros intelectuais da humanidade”

J. Hepher Parker

# NA BIBLIOTECA, O CANAL ENTRE LEITOR E INFORMAÇÃO ... É O SERVIÇO DE REFERÊNCIA

1º Ten.-QFO Cristina F. da Silva Pereira  
Bibliotecária

Quando o homem percebeu que a soma de informações recebidas poderia dispersar-se e perder-se, já que em determinado momento ficou impossível para ele preservar em si todas elas, sentiu então a necessidade de institucionalizar a comunicação com a finalidade de guardar para o futuro e recuperar, sempre que solicitado, as informações armazenadas e registradas em documentos. Aí é que surgem o *museu*, o *arquivo* e a *biblioteca*, formas institucionalizadas de preservação para a comunidade, através dos tempos, da comunicação transformada em documento.

Falando mais especificamente da biblioteca, percebemos que para a mesma ser criada e mantida, é necessário que possua todo um suporte administrativo, pois só assim lhe será possível a manutenção dos serviços de forma a atingir a sua finalidade, que é servir à comunidade que esta necessita encontrar um auxílio documental. E o serviço de referência é o único capaz de realizar de modo direto a finalidade da biblioteca: através do leitor, servirá à comunidade, informando-o ou proporcionando-lhe a assistência capaz de enriquecer sua cultura e conhecimento.

## ANTECEDENTES

Desde que se estabeleceu o primeiro contato entre o usuário e bibliotecário, o primeiro tentando encontrar uma obra ou uma informação nela contida e o segundo facilitando e provendo o cliente do material e dos dados solicitados, houve “serviço de referência”.

Embora ao leitor pareça “informação” o que ele solicita ou recebe do bibliotecário,

convencionou-se que o leitor formula uma “questão de referência” e o bibliotecário presta um “serviço de referência”.

## INFORMAÇÃO, DOCUMENTO E DOCUMENTAÇÃO

Informação é a ação de informar ou de informar-se, de noticiar ou de receber notícia, de indagar ou dar conhecimento, enquanto documento é onde se registra a informação. Documentação é a ação de reunir e conservar, selecionar e classificar, utilizar e difundir qualquer informação.

Os serviços de documentação e informação adquiriram importância crescente nos últimos anos, na medida que o próprio volume de documentos produzidos no mundo cresceu em ritmo acelerado, as necessidades dos usuários tornaram-se cada vez mais sofisticadas e os progressos da informática tornaram possível manipular enormes quantidades de informação geradas hoje a cada momento.

## O SERVIÇO DE REFERÊNCIA

Como já mencionamos, o fim da biblioteca é servir à comunidade que em dado momento, incapaz de preservar em si todas as informações recebidas através da comunicação, a institucionalizou na forma como é conhecida.

O serviço de referência acompanha necessariamente o objetivo e a finalidade da biblioteca e para que o leitor tenha acesso às informações e se utilize de um serviço realmente eficiente, é necessário que a biblioteca consiga manter reunida e ordenada



Setor de referência da Biblioteca Nacional

a coleção e, por outro lado, o serviço de referência poder utilizá-la e a todos os recursos documentais, dentro e fora da biblioteca, possibilitando a “recuperação das informações” que em algum lugar e sob alguma forma foram preservadas.

Este serviço, através da orientação hábil e da perícia na indicação do material de referência, assegura conhecimento de fatos específicos, propicia o desenvolvimento cultural e conhecimentos ao leitor que de outra forma não poderia obter pela falta de experiência e habilidade para consultar as obras, carência de tempo disponível para localização da informação ou desconhecimento do assunto.

O serviço de referência que não desaponta os leitores na busca da informação, cresce em credibilidade justificando assim a sua existência e permanência.

O bibliotecário de referência, elemento de ligação entre o usuário e a coleção bibliográfica, além de organizar, sistematizar e arranjar as informações, adquire, através da própria aprendizagem e experiência, as técnicas para realizar a recuperação das informações ou divulgá-las com maior eficiência.

A Ten. Cristina Pereira é Chefe da Divisão de Documentação



# DA IDADE MÊDIA, A TRADIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA . . .

## É A CIÊNCIA HERÁLDICA

1.º Ten.-QFO Silvana M. Ferreira Vieira  
Jornalista

Incomum não deve ser considerada qualquer associação imediata que se possa fazer entre Heráldica e tudo o que diga respeito à "idade das trevas", em especial, às conquistas dos cavaleiros medievais, onde o poder da espada fixava os domínios. Afinal, foi neste contexto, marcado por valores de honra e lealdade entre senhores e seus vassallos e, em contrapartida, pela luta, dentro e fora da Europa em prol dos ideais de conquistas religiosas, fomentadas pelas cruzadas, que floresceu, no século XIII, a arte e a ciência dos brasões ou a linguagem dos arautos.

"Héraut" do francês, "araldo" do italiano, em alemão "herold", "haraldus" no latim medieval, "heraldique", novamente na língua francesa. Da palavra original às variações lingüísticas, foi só no século XIX que o termo heráldica pôde ser conhecido no idioma português. Mas a que significado conduziria toda esta terminologia?

Considerado o anunciador ou pregoeiro, o *arauto* ou rei das armas, exercia um cargo parecido com o dos mestres de cerimônia, pois era encarregado de publicar oficialmente os torneios e de anunciar a viva voz os nomes dos combatentes, dando a conhecer os seus gritos de guerra e suas qualidades. Como ao mesmo tempo os arautos eram peritos em cortesia e linguagem correta, sua profissão foi aumentando de importância, chegando os mesmos a acompanharem os embaixadores às cortes estrangeiras. Graças às crônicas dessas viagens é que se tem, hoje, uma documentação dos hábitos das diversas cortes européias. A ciência dos brasões ou a linguagem dos arautos (Heráldica) derivou, assim, da profissão daqueles que estabeleciam as normas para regular a nobreza.

---

*. . . a tradição da representação simbólica, apesar de sedimentada através da ciência dos brasões, não constitui privilégio da Idade Média. Remonta aos povos mais primitivos a prática de marcar o corpo pela tatuagem, transposta a seguir, para as armas e vestimentas.*

---

Com relação ao emprego da Heráldica em sua concepção original, os símbolos e cores foram criados para distinguir os cavaleiros, uma vez que o corpo e cabeça destes ficavam ocultados pela armadura e elmo (proteção do crânio). Inicialmente pessoais, estes elementos se transformaram em representações de família e de grupos. Dessas primeiras cores aplicadas sobre os escudos dos cavaleiros medievais é que surgiram, com o tempo, as cruzes que caracterizaram as diversas ordens guerreiras monásticas.

Dos símbolos romanos, tais como a águia e o dragão aos leões da dinastia de Henrique II, e demais atributos que passaram a definir a hierarquia da nobreza, quando o escudo demarcava as representações de coragem e poder; a Heráldica, em suas origens, trazia consigo um forte componente social traduzindo, sob certa dimensão, o imaginário coletivo de uma época.

Por outro lado, a tradição da representação simbólica, apesar de sedimentada através da ciência dos brasões, não constitui privilégio da Idade Média. Remonta aos povos mais primitivos a prática de marcar o corpo pela tatuagem, a seguir transposta para as armas e vestimentas. E desses





universos para o mundo que nos é contemporâneo, transpondo os séculos que separam civilizações tão distintas, não é fácil encontrar um bom motivo para se falar de uma temática do tempo da cavalaria em pleno século XX.

Afinal, que interesse poderia despertar uma ciência de termos tão rebuscados como *destra*, *sinistra*, *listel*, e que substitui o amarelo, o azul e o vermelho pelo *jalne*, *blau* e *goles*, em um mundo como o nosso, marcado pelas simplificações?

“Aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa, algo abstrato ou ausente”. Esta definição de SÍMBOLO serve tanto para os atributos empregados na tradicional Heráldica quanto para identificar os sinais que povoam a era da imagem, nossa conhecida do dia-a-dia. Atualmente, é muito difícil encontrar um adulto ou criança que não seja capaz de relacionar de imediato o símbolo da Volkswagen aos automóveis da montadora alemã, ou de percorrer as estradas sem reconhecer nos postos autorizados, a marca da estatal do petróleo. Da mesma forma, poucos cariocas deixariam de associar a Cruz de Cristo (não de Malta, como se acredita) ao Clube de Regatas Vasco da Gama e, em outras dimensões, milhares de pessoas de praticamente todas as nacionalidades, tomaram contato com as Olimpíadas de 92, através do seu símbolo nas campanhas

publicitárias.

---

*Afinal, que interesse poderia despertar uma ciência de termos tão rebuscados como *destra*, *sinistra*, *listel*, e que substitui o amarelo, o azul e o vermelho pelo *jalne*, *blau* e *goles*, em um mundo como o nosso, marcado pelas simplificações?*

---

Assim como os povos da Idade Média encontraram na Heráldica a possibilidade de representar a sociedade da época através de símbolos próprios, o homem contemporâneo, guardadas as devidas proporções, elegeu a *Semiótica* como a ciência que estuda os signos e sinais utilizados na comunicação. Em ambos os contextos, a linguagem que substitui idéias, conceitos e sentimentos por formas e cores, cria uma nova maneira de expressão, simplificando os conteúdos imaginários.

*A Ten. Silvana é chefe da Seção de Relações Públicas.*



# CONSERVAÇÃO DE DOCUMENTOS

## MENTALIDADE E PRÁTICA NO TRATAMENTO DE ACERVOS

1º Ten.-QFO Maria Suely de Oliveira Tavares  
Bibliotecária

Preocupado com a preservação do acervo, o arquivista encontra grandes dificuldades em cumprir a sua tarefa, considerando que a longevidade do documento depende tanto da qualidade da matéria-prima empregada quanto do tratamento recebido durante a sua utilização e guarda. São, por outro lado, os conhecimentos adquiridos através da observação e estudo que permitem a identificação precisa dos principais danos, bem como suas causas e formas de prevenção.

Os cuidados prementes no que se refere à conservação dos documentos dizem respeito às condições do local onde são guardados: a luz, umidade, temperatura, poeira, além do mofo, certos gases e pragas como insetos e ratos, podem ser grandemente prejudiciais.

### OS CUIDADOS E A SEGURANÇA

O papel envelhece, torna-se amarelado e quebradiço de acordo com os agentes agressores a que está sujeito. Esses agentes agressores são provenientes da própria matéria-prima e dos métodos de produção que, muitas vezes, determinam reações físico-químicas agressivas. O manuseio e a guarda interferem, igualmente, na preservação do acervo. A luz do dia deve ser tanto quanto possível abolida na área do armazenamento, visto que não só acelera o desaparecimento das tintas como enfraquece o papel.

---

*O papel envelhece, torna-se amarelado e quebradiço de acordo com os agentes agressores a que está sujeito.*

---



No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, os negativos em vidro são armazenados adequadamente

A umidade possibilita o aparecimento do mofo, sendo importante o controle das condições ambientais nas áreas de armazenamento. Nas regiões de clima tropical e subtropical, como é o caso do Brasil, as temperaturas oscilam entre 25° e 40°C e a umidade relativa entre 65 e 100%, sempre acima dos parâmetros ideais, entre 20 e 22°, sem oscilação, com índice de umidade relativa de 45% a 60%.

A ação conjunta dos dois fatores, calor e umidade, são responsáveis pelos graves problemas de condensação de umidade, alteração no volume dos materiais, bem como pelo crescimento intensificado de um grande número de microorganismo e insetos que destroem coleções de documentos e livros.

Impurezas presentes no ar atmosférico como gases e poeira, também influem enormemente na conservação dos documentos. A poeira é composta de pequenas partículas ou corpúsculos em suspensão, capazes de penetrar nas

fibras do papel, tornando-se evidente a sua ação constante sobre as fibras na ocasião do manuseio.

O combate aos insetos e ratos é outro desafio dos mais sérios, posto que os insetos são atraídos pela celulose do papel e pela cola. Mas é sem dúvida a umidade, a principal causadora do aparecimento de pragas, que nela encontram o ambiente ideal para o seu desenvolvimento. A falta de higiene do acervo é, da mesma forma, fator de depósitos de poeira, além da ação de produtos químicos como inseticidas e fungicidas que, usados sobre o acervo, em arquivos e bibliotecas, constituem-se em agentes prejudiciais aos documentos.

### O HOMEM - UM GRANDE INIMIGO

Outros agentes nocivos, por contato, de uso corrente em arquivo, são os grampos metálicos, adesivos plásticos, auto-adesivos, papéis e papelões ácidos. Algumas formas de acondicionamento com a finalidade de proteger, contribuem ainda mais na destruição do acervo como, por exemplo, as caixas-arquivo.

Pouco funcionais se muito pesadas, dificultando a sua retirada das estantes, com risco de quedas e impactos, as caixas-arquivo quando contêm uma grande quantidade de documentos, provocam a compactação destes, com conseqüentes rasgos e amassões na retirada e reposição, além de se tornarem ambiente propícios à proliferação de insetos e microorganismos.

Da mesma maneira, os livros se muito comprimidos nas prateleiras, obrigam o leitor a retirá-lo incorretamente provocando o dano nas lombadas e, fatalmente, na própria encadernação. O acondicionamento inadequado





danifica ainda mapas e plantas, pois os papéis tendem a quebrar quando enrolados em função da perda progressiva de flexibilidade das fibras.

*... as caixas-arquivo quando contêm uma grande quantidade de documentos, provocam a compactação destes com conseqüentes rasgos e amassões na retirada e reposição, além de se tornarem ambiente propício à proliferação de insetos e microorganismos.*

A par de todos os fatores que contribuem intensivamente para a deterioração dos documentos e livros, é o homem o causador dos danos mais significativos em função da falta de higiene das mãos (gorduras, suor e resíduos de alimentos), manuseio sem zelo, postura incorreta, com apoio sobre o documento, além de anotações, rasgos, cortes e dobras.

## PRESERVAÇÃO

Muitas coleções documentais têm grande parte do seu acervo gravemente

comprometido em virtude da conservação profilática não ser uma prática rotineira nos arquivos e bibliotecas brasileiras. A atitude reparativa não é uma solução eficiente, tendo em vista o fato de muitos documentos já não poderem mais ser recuperados, onde a aplicação de um programa de preservação, iniciado pelo controle preventivo dos agentes agressores, apresenta-se como a ação mais eficiente na conservação dos acervos. Só a ação preventiva permite detectar as possíveis infestações antes que estas possam afetar os documentos.



Setor de restauração de documentos da Biblioteca Nacional

No que diz respeito às medidas profiláticas, em primeiro lugar, devem ser observadas as condições do local que irá armazenar a documentação, levando-se em conta o bom aproveitamento da ventilação natural, a fim de se facilitar a aeração. Tanto quanto possível, a incidência de raios solares sobre o acervo deve ser evitada, utilizando-se persianas nas janelas. As instalações elétricas e hidráulicas, calhas e esgotos devem estar, igualmente, em boas condições e com a climatização mantida em torno de 20° C de temperatura com 60% de umidade relativa do ar.

*Muitas coleções documentais têm grande parte do seu acervo gravemente comprometido em virtude da conservação profilática não ser uma prática rotineira nos arquivos e bibliotecas brasileiras.*

Redobrar os hábitos de higiene nos arquivos e bibliotecas com higienização periódica do ambiente, incluindo aí todo o mobiliário, sem deixar de observar o estado de conservação e o método de acondicionamento. Estes são atitudes também recomendadas na rotina dos serviços quando o que se busca é a segurança do acervo.

Dentre as alternativas, a microfilmagem é uma modalidade indireta de conservação do documento, no sentido de que uma das causas mais insistentes da deterioração é o manuseio — usando-se o microfilme, o documento é poupado. O mais importante, todavia, quando se trata de documentos e acervos é a mentalidade de se perseguir a permanência da informação através dos suportes que a sustentam. Aí não interessa a forma em que se apresentam (papel, filme e outras) e sim, instrumentos que são de pesquisa, enquanto suas fontes de registro.

*A Ten. Suely é chefe da Seção de Publicações*





Consulta aos microfimes na Biblioteca Nacional

# MICROFILMAGEM

## PRESERVANDO A INFORMAÇÃO PELA TÉCNICA

1.º Ten.-QFO Vilma Jesus de Oliveira  
Arquivista

**T**écnica que consiste na reprodução miniaturizada de documentos, possuindo como produto o *microfilme*, a *microfilmagem* é resultado de um processo fotográfico através do uso de graus de redução. No Microfilme, os documentos podem ser vistos ou consultados por meio de aparelhos especiais e dele é possível a extração de cópias em filmes ou papel.

A microfilmagem encontra suas origens nas reduções efetuadas pelos assírios em 5000 a.C., entretanto, foi só no século XIX, quando já se iniciavam experiências com fotografias, que surgiu o primeiro microfilme (1939) produzido pelo inglês Jonh Benjamin Dancer. O seu emprego pioneiro ocorreu, todavia, em 1870 durante a Guerra Franco Prussiana, pelo francês René Prudent Patrice Dragon. A utilização se deu através do transporte por pombos-correios, de 115.000 mensagens em forma de microfilme (completamente miniaturizadas) representando cerca de dois milhões e meio de despachos.

A aplicação da microfilmagem ocorre hoje nas mais diversas áreas do conhecimento humano. A título de exemplo, convém citar: em hospitais, bancos, empresas de seguros, centros de documentação, arquivos, bibliotecas, órgãos públicos e privados em geral.

Documentos em papel dos mais variados tipos e tamanhos, podem apresentar-se sob forma de microfilme: livros, relatórios, cheques, fotografias, correspondências diversas, mapas, plantas, cartazes, dentre outros.

### ASPECTO LEGAL

A microfilmagem de documentos no Brasil possui legislação específica. A lei

5.433, de 08/05/68 e o Decreto n.º 64.398, de 24/04/69 que a regulamenta, dá plena validade ao microfilme. Cabe ressaltar o Art. 1.º e o parágrafo único do referido decreto que dizem:

“Art. 1.º - A microfilmagem, em todo Território Nacional, autorizada pela lei 5.433/68, compreende a dos documento oficiais arquivados nos Orgãos dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, inclusive nos da administração indireta, da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios, bem como a dos documentos particulares de qualquer espécie, de pessoas naturais ou jurídicas, e será regulamentada por este decreto.

Parágrafo único - Disporá, ainda o presente decreto do estabelecimento de normas sobre o manuseio, preservação dos filmes resultantes, cópias, translados, certidões extraídas de documentos, para que possam produzir efeitos legais em juízo ou fora dele”.

### PRINCIPAIS VANTAGENS

No elenco das vantagens do microfilme cabe citar as seguintes:

1 - Rapidez da informação:

A informação é localizada com rapidez em meio a centenas de documentos.

2 - Segurança:

Preserva o documento contra sinistros naturais ou provocados, de maneira prática e econômica.

3 - Fácil manuseio da informação:

Como no microfilme o documento está apenas em um formato, apesar de possuir tamanho variado, a consulta é facilitada.

4 - Redução de espaço:

A informação em microfilme permite reduzir em 98% o espaço ocupado pelo papel.

5 - Durabilidade:

O microfilme é um dos produtos mais duráveis, desde que convenientemente armazenado.

6 - Fácil disseminação da informação:

Baixo custo e facilidade na veiculação da informação que deve ser atualizada e distribuída.

A microfilmagem complementa outros processos de tratamento da informação pura e simples, assim, deve estar associada à idéia de preservação e segurança da informação. Por outro lado, a decisão pelo emprego não pode ser aleatória, sendo necessária uma avaliação através de Comissão para este fim, onde são considerados, entre outros fatores, a preservação da informação pelos valores histórico e probatório que possui.



Biblioteca Nacional: Microfilmagem de documentos

A Ten. Vilma é Chefe da Seção de Protocolo e Arquivo, com pós graduação em Planejamento, Organização e Direção de Arquivos, pela U.F.F./RJ



## GUARDAR OU ELIMINAR?

### A AVALIAÇÃO DEFINE O DESTINO DOS DOCUMENTOS



Biblioteca Nacional: O tratamento técnico sistemático facilita a avaliação

2º Ten.-QFO Ester Ferreira da Nova  
Arquivista

**J**untamente com o avanço tecnológico, ocorreu um significativo acréscimo da produção documental, onde os arquivos ficaram superlotados, exigindo como consequência a racionalização no que diz respeito à geração e guarda dos documentos. Neste sentido, a avaliação tem se apresentado como alternativa eficaz, na medida em que, obedecidos os critérios técnicos, é capaz de definir o que

conservar e o que eliminar sem comprometer as necessidades da administração.

Na avaliação são estabelecidos critérios e orientações capazes de direcionar a ação dos responsáveis pela análise e seleção dos documentos com vistas à fixação de prazos para a guarda ou eliminação. Dentre os objetivos da avaliação, podem ser citados: redução racional do acervo documental, aumento da rapidez na

recuperação da informação, garantia das condições de conservação da documentação de valor permanente e conquista de espaço físico.

#### COMPETÊNCIA PARA AVALIAR

Por ser uma atividade complexa e abrangente, a avaliação necessita de uma comissão que estabeleça critérios para a valoração dos documentos. Por outro lado, é indispensável que esta



Comissão de Avaliação seja respaldada pela Chefia e que a documentação esteja previamente organizada.

Constitui, ainda, condição para os bons resultados do trabalho de avaliação, que os componentes da Comissão conheçam a estrutura e o funcionamento da Organização, onde a composição recomendada é a seguinte: arquivista ou responsável pela guarda da documentação, profissional da área jurídica, profissionais ligados ao campo de conhecimento de que trata o acervo, objeto da avaliação (historiador, economista, engenheiro, médico e outros).

A comissão deve reunir-se pelo menos uma vez por ano, de preferência no início deste período, com a finalidade de avaliar os documentos do ano anterior.

### VALORAÇÃO DOS DOCUMENTOS

Os documentos podem possuir valores primário (administrativo, jurídico e fiscal) e secundário. No ato da sua criação, qualquer documento adquire *valor primário*, visto que sempre é produzido para atender a uma função administrativa, jurídica ou fiscal.

Quanto ao *valor secundário*, depois de cumprida a sua finalidade primeira, o documento pode conter, também, informações históricas ou ainda de caráter político, tecnológico e cultural de forma a contribuir para a reconstituição da memória da Organização, quando passa a obter a referida classificação.

### RETENÇÃO NOS ARQUIVOS

De acordo com as suas características, é possível determinar os prazos de retenção dos documentos nos arquivos, podendo ser de guarda eventual, temporária e permanente.

Os documentos de guarda eventual são os de interesse passageiro, de trato e efeito imediato, isto é, sem valor administrativo, jurídico ou histórico. Exemplo: material de divulgação de terceiros, convites e correspondência de congratulações recebidos que não se relacionem com



Biblioteca Nacional: Preparação técnica de manuscritos

o desempenho de nenhuma atividade-fim do órgão ou do organismo.

Os de guarda temporária são aqueles em que prevalece o interesse administrativo em determinar o valor da informação e, conseqüentemente, o prazo de retenção. Neste grupo estão incluídos os documentos:

- a) cujos textos estejam reproduzidos em outros;
- b) cujos textos tenham sido impressos em sua totalidade;
- c) cujos elementos essenciais acham-se recapitulados em outros;
- d) que apresentem repetição da informação e qualidade técnica inferior (no caso de documentação especial);
- e) que sejam cópias e duplicatas de originais destinados à guarda permanente;
- f) que, mesmo originais, detêm interesse administrativo apenas por determinado período;

g) sujeitos a prazos prescricionais.

### GUARDA PERMANENTE

Documentos de guarda permanente são os de valor probatório, isto é, relativos a direitos tanto de pessoas físicas ou jurídicas, quanto da coletividade, e os de valor informativo sobre pessoas, fatos ou fenômenos, cuja memória, em termos históricos, considera-se relevante.

A guarda permanente deve abranger documentos relativos à origem, aos direitos e aos objetivos do organismo e do órgão e documentos que reflitam a estrutura e o desenvolvimento da Organização. Neste último caso, podem ser citados: documentos visuais e/ou sonoros referentes a fatos da vida da Organização, documentos relativos à administração de pessoal, documentos que respondem a questões técnico-científicas relacionadas às atividades específicas da Organização, documentos de divulgação ou de promoção da Organização, dos quais deve ser guardado pelo menos um exemplar como amostra e documentos cujas características extrínsecas sejam de valor artístico e cultural.

Ao instrumento encarregado de estabelecer os prazos de permanência dos documentos nos arquivos correntes, recolhimento ao arquivo intermediário ou ainda de transferência para o arquivo permanente, denomina-se *tabela de temporalidade*, elaborada pela Comissão de Avaliação que, igualmente, define os critérios para microfilmagem ou eliminação.

Reduzir o acervo documental, racionalizar a recuperação da informação, conquistar espaço físico e economizar recursos materiais. Assim pode ser sintetizado, em linhas gerais, o objetivo da Avaliação, onde o que interessa é o valor do documento, tratado e acompanhado pelo especialista, enquanto possua função social.

*A Ten. Ester é chefe da Seção de Correspondência e Arquivo do SEGECAE.*



## CONSTRUÇÃO DE PRÉDIOS DE ARQUIVO

### A RACIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO PELA PRESERVAÇÃO DO ACERVO

1º Ten. QFO Lecy Diogo de Souza Silva  
Arquivista e Analista de Sistemas

**T**oda organização quer seja pública ou privada, gera documentos no exercício de suas atividades diárias. Com o acúmulo e a diversificação destas atividades, o resultado é o crescimento da documentação e a necessidade, cada vez mais imperiosa, de se obter a informação com rapidez e precisão.

A tendência da informação é avolumar-se cada vez mais, já que grande parte dela não pode ser eliminada apesar das constantes avaliações por que passa no decorrer da sua vida administrativa. Assim, faz-se necessário a criação de um programa de arquivamento e conservação em condições apropriadas, a fim de preservar os documentos para a posteridade, viabilizando a sua consulta.

O local de armazenagem tem grande influência na conservação dos documentos, porém, na escolha do local ideal surgem dois aspectos a serem analisados: deve-se construir um prédio novo ou adaptar algum já existente?

Apesar de todos os esforços realizados para modernizar os arquivos, ainda é bem presente e atual a idéia de que a guarda dos documentos é inútil acúmulo de papéis velhos, por isso, julga-se desnecessário dispensar gastos com locais climatizados e pessoal especializado para conservá-los.

Na construção do prédio é imprescindível que o arquiteto e o engenheiro estejam conscientizados de que este não é um projeto tão comum quanto construir um prédio comercial ou residencial. Existem requisitos fundamentais, além de normas internacionais a serem seguidas, para que se consiga obter os resultados esperados do empreendimento.

*Ao se escolher o local para a implantação de um arquivo, três fatores merecem ser especialmente estudados: a segurança, a funcionalidade e os custos do empreendimento.*



O prédio do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro obedece às normas técnicas internacionais



Espaço para Exposições - no hall de entrada do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o estímulo às atividades culturais



No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, os depósitos de documentos não possuem janelas, visando à preservação



Para melhor planejar o tamanho e as características do prédio, é essencial, em primeiro lugar, fazer um levantamento da quantidade dos documentos que serão imediatamente transferidos para as novas instalações, da média anual de crescimento do acervo e da previsão de terreno para a futura expansão do arquivo. Além destes cuidados, para alcançar maior êxito no funcionamento, antes de dar início ao planejamento, é indispensável estabelecer:

a) As funções e atividades que serão desempenhadas pelo arquivo;

b) O número e a natureza das acomodações necessárias para os funcionários e o público;

c) O espaço necessário para os depósitos (junto com os respectivos tamanhos) e a ambientação adequada;

d) Os diferentes tipos e tamanhos dos equipamentos necessários para serem instalados.

Um arquivo só será ideal se atender integralmente a todos os objetivos para os quais for criado. Desta forma, na construção do prédio, devem ser observados: a localização, as características estruturais e as características funcionais.

## LOCALIZAÇÃO E ESTRUTURA

Ao se escolher o local para a implantação de um arquivo, três fatores merecem ser especialmente estudados: a segurança, a funcionalidade e os custos do empreendimento.

Na procura da localização ideal para o arquivo é necessário que o acesso ao usuário seja facilitado. Se o arquivo for público, tem que ser observada a proximidade de repartições e instituições culturais e de pesquisa, bem como de complexos universitários cujas relações de intercâmbio, apoio e cooperação sejam estreitas.

Devido ao papel que desempenham durante a vida útil do prédio, as estruturas precisam ser bem calculadas de forma a suportar bem o peso exigido. Delas depende a segurança de todo o empreendimento e devem ser estudadas destacando cada um dos aspectos, ou seja, a qualidade do

terreno, as fundações e o material de construção que será utilizado.

A identificação do solo, irá influir também no tipo de construção do prédio. Se for arenoso, a construção horizontal é a mais indicada pois distribui melhor o peso do edifício, se úmido deve se optar pela posição vertical.

## CARACTERÍSTICAS FUNCIONAIS

Ao ser projetada a planta do prédio a ser construído, é essencial que sejam observadas todas as normas de funcionamento na distribuição da área útil de forma a permitir aos funcionários um fluxo de trabalho eficiente e



Em um prédio para arquivos, as fundações devem ter resistência suficiente para receber todos os esforços transmitidos pela estrutura. Todo o projeto estrutural deve ser avaliado por um engenheiro civil (calculista), que irá adequá-lo às condições de carregamento previstas nas normas de engenharia.

racional e aos usuários uma utilização conveniente.

A parte do edifício destinada ao público deve ser bem projetada e oferecer conforto tal que estimule não só a consulta, como também o comparecimento do público nos eventos realizados pelo arquivo. Assim,



deve ter locais abertos ao público: hall de entrada, composto de sala de exposições e balcão de informações; auditório; sala de consulta; acomodações para funcionários encarregados do atendimento aos usuários; salas especiais para leitura de microfilmes e sala de instrumentos de pesquisa (catálogos, inventários, etc), além de estacionamento, lanchonete, sanitários e outros locais julgados necessários.

Nas áreas destinadas aos serviços técnicos e administrativos, o acesso é vedado ao público com instalações assim especificadas:

a) Gabinete do Diretor (que pode ser ou não fechado para o público) e próximo a este, uma sala de reuniões;

b) Sala de serviços administrativos (protocolo, departamento pessoal, etc);

c) Instalações para recepção dos documentos e sala de fumigação, com previsão de arejamento para a liberação de gases tóxicos;

d) Sala de serviços técnicos (triagem, classificação, etc).

E recomendável que estas salas fiquem próximas aos depósitos para evitar a exposição dos documentos a perigos entre o longo percurso de ida e volta aos locais de trabalho);

e) Laboratórios fotográficos, micrográficos e de restauração, com previsão de abastecimento de água e arejamento para liberação de vapores tóxicos;

f) Dependências para outros serviços de apoio como setor de manutenção técnica, serviço telefônico, almoxarifado, serviço de carpintaria e embalagem;

g) Local para eliminar os documentos após a triagem, equipado com máquinas fragmentadoras ou outro processo de destruição;

h) Vestiários, sanitários, restaurantes, lanchonete e outros locais de uso exclusivo dos funcionários do arquivo.

## PRESERVAÇÃO DO ACERVO

Por ocasião do planejamento das áreas de depósito, deve-se levar em conta que os documentos que ali serão armazenados são únicos e insubstituíveis. Por isso, o local deve oferecer, antes de tudo, condições que garantam a segurança e conservação do acervo.

É importante esclarecer que depósitos são construídos apenas para a guarda de documentos e o equipamento ali colocado deve servir unicamente para este fim. Quanto aos espaços necessários, estes serão definidos a partir do volume do acervo e das previsões de crescimento, devendo ocupar em média 60/70% da área total do edifício no caso de arquivos históricos.

As áreas de depósito não devem ter janelas visto que a luz solar incidindo direto sobre os documentos causará amarelamento e ressecamento dos materiais. No entanto, devido aos fatores bactericidas dos raios solares não é recomendável a eliminação total de janelas nas salas de armazenamento.

---

*A construção de um prédio para arquivo não é um empreendimento fácil e de baixo custo. Porém, tem que se levar em conta que ao ser conservado um documento, está sendo preservada a cultura e a história de uma sociedade.*

---

Os depósitos serão construídos em função dos documentos e do equipamento. E, seguindo as características ideais, devem ter 2,30m de altura e no máximo 200 m<sup>2</sup> de superfície, o que exceder deverá ser separado por portas corta-fogo. As áreas de depósitos são consideradas as partes mais importantes do edifício e, como tal, devem ser especialmente projetadas.

A climatização está diretamente ligada ao local da construção. Na escolha do terreno, é preciso que seja feito um estudo na topografia da área com objetivo de aproveitar as condições climáticas existentes, reduzindo assim, os gastos com sistemas artificiais.

As diferenças climáticas das diversas regiões também devem ser consideradas na fixação dos valores adequados da temperatura e da umidade relativa com o propósito de diminuir os custos dos equipamentos de climatização e os gastos com energia elétrica, além disso, é importante observar as variações do clima para prevenir os problemas estruturais nos edifícios, causados por deformações oriundas de grandes alterações entre as condições internas e externas.

A construção de um prédio para arquivo não é um empreendimento fácil e de baixo custo. Porém, tem que se levar em conta que, ao ser conservado um documento, está sendo preservada a cultura e a história de uma sociedade. Além do mais, estes documentos não servirão apenas para fins históricos, servem também como prova de direitos de cidadãos ou instituições, como fonte de pesquisa para o historiador e, ainda, como auxiliar para outras disciplinas. Guardá-los desorganizados e inadequadamente é apenas uma perda de tempo e espaço.

*A Ten. Lecy é chefe da Seção de Processamento de Dados, com pós-graduação em planejamento, Organização e Direção de Arquivos, pela U.F.F./RJ.*



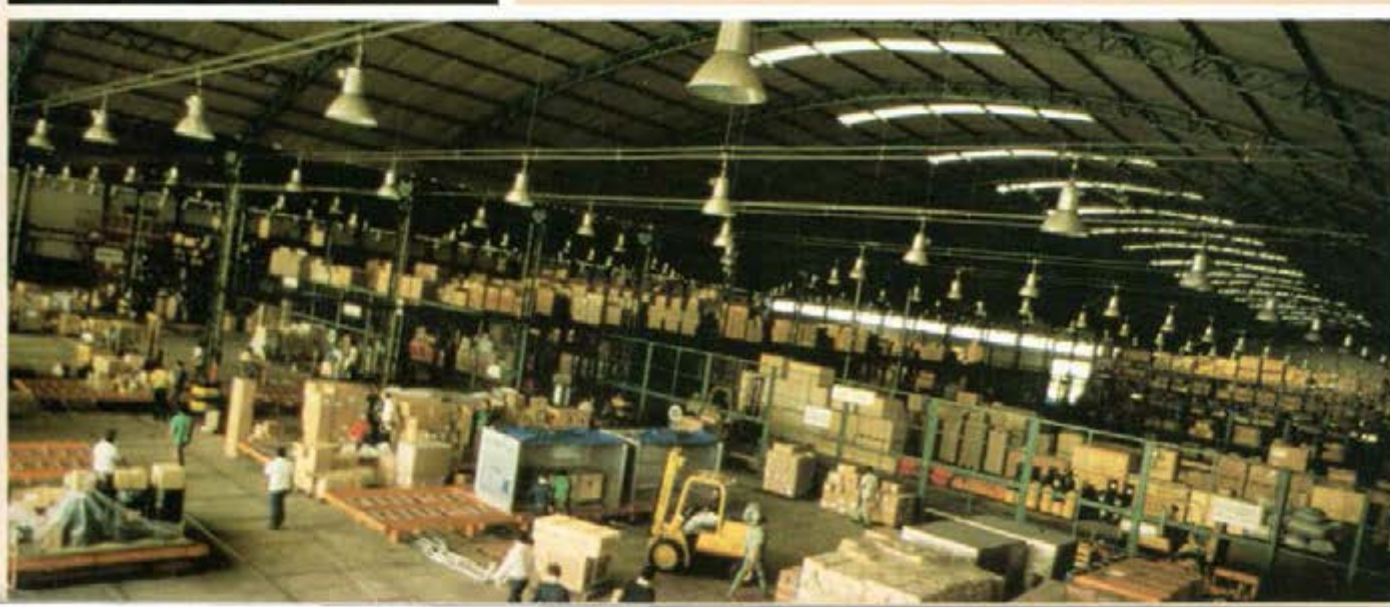


## A Infraero não acompanha Você nas viagens aéreas



mas aguarda seu embarque e desembarque durante 24 horas por dia nos 62 aeroportos brasileiros que administra. Você, as empresas de serviços aeroportuários e as companhias de transporte aéreo são clientes da Infraero. Todos tratados com o mesmo alto nível de profissionalismo.

Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária  
VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA





# "ESPAÇO DA HISTÓRIA"

• A 21 de maio de 1931, o Grupo Misto de Aviação foi incorporado ao 1º Regimento de Aviação, então aquartelado na Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. Participaram estas unidades das operações militares desenvolvidas de 9 de julho a 29 de setembro de 1932 (Revolução Constitucionalista de São Paulo), bem como na posição de defesa da legalidade, em 27 de novembro de 1935 (Intentona Comunista).

• As atuais instalações da Base Aérea dos Afonsos foram inauguradas em 22 de janeiro de 1934, visto que em 20 de julho de 1933 foi criado o 1º Regimento de Aviação Militar com a finalidade de realizar, entre outras, as missões do Correio Aéreo Militar.

• Em 31 de março de 1934, o governo brasileiro autorizou Luftschiff Bau Zeppelin a estabelecer uma linha aérea regular com dirigíveis entre o Brasil e a Europa, bem como a construção de um aeroporto na Fazenda Santa Cruz. Em 16 de outubro de 1936, o referido aeroporto foi denominado Aeroporto Bartolomeu de Gusmão, inaugurado em 26 de dezembro do mesmo ano. Em 12 de fevereiro de 1942 o governo brasileiro tornou sem efeito a concessão.

• O 1º Regimento de Aviação Militar foi um dos locais atingidos pela Revolução Comunista, em 1935. Por volta das três horas da madrugada do dia 27 de novembro do mesmo ano, as suas instalações foram atacadas pelos rebeldes, que

já haviam tomado algumas instalações importantes da vizinha Escola de Aviação Militar, onde foram vigorosamente repelidos.

• O Regimento, a certa hora, esteve completamente cercado pelos rebeldes, quando houve pesado tiroteio que se estendeu até as 04:15h da manhã, ocasião em que vários deles se entregaram. Ao final, foram feitos 134 prisioneiros e apreendida grande quantidade de munição. O 1º Regimento de Aviação Militar, sob o comando interino do Ten. - Cel. - Av. EDUARDO GOMES foi, reconhecidamente, uma peça fundamental na vitória sobre os rebeldes.

• Em 27 de janeiro de 1941, em cerimônia presidida pelos Ministros de Estado do Exército, General de Divisão EURICO GASPARD DUTRA e da Aeronáutica, Dr. JOAQUIM PEDRO DE SALGADO FILHO, o 1º Regimento de Aviação passou ao controle do recém-criado Ministério da Aeronáutica.

• A 16 de janeiro de 1943, o 1º Regimento de Aviação transferiu-se para o Aeroporto Bartolomeu de Gusmão, sendo as suas dependências ocupadas até 05 de outubro de 1944, por um posto do Correio Aéreo Nacional, na época subordinado à Diretoria de Rotas Aéreas, quando então as mesmas instalações foram cedidas ao recém-criado 2º Grupo de Transporte, igualmente subordinado à Diretoria de Rotas Aéreas. A missão deste grupo era o transporte aéreo, aí

compreendidas as linhas do Correio Aéreo Nacional. Alguns anos após a sua criação, começaram a ser realizadas certas missões de lançamento de pára-quedistas em cooperação com Unidades do Exército.

• Em novembro de 1951, o 2º Grupo de Transporte foi transferido para o Galeão, aonde permaneceu até novembro de 1954, quando retornou ao Campo dos Afonsos, funcionando aí até 1958, oportunidade em que foi desativado para dar lugar a atual Base Aérea dos Afonsos e ao 1º Grupo de Transporte de Tropa.

• Aproveitando as instalações do Aeroporto Bartolomeu de Gusmão, em setembro de 1942, o 1º Regimento de Aviação, sediado na Base Aérea dos Afonsos, foi transferido para Santa Cruz, onde recebeu as primeiras turmas de oficiais aviadores da Escola de Aeronáutica.

• Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, foi criado em 1943, o 1º Grupo de Aviação de Caça que se destinava a contribuir para a causa do mundo livre. Após um treinamento inicial em aviões P-40, no Panamá, e em P-47 Thunderbolt, em Suffolk, Nova Iorque, o 1º Grupo de Aviação de Caça chegou à Itália a 06 de outubro de 1944, ali permanecendo até 02 de maio de 1945. Realizou 2550 missões de guerra em aeronaves P-47. Terminada a Guerra, o 1º Regimento de Aviação foi extinto, passando a se chamar Base Aérea de Santa Cruz.



Dez 93 - Nº 01

Órgão Informativo do Centro de Documentação e Histórico  
da Aeronáutica

**Diretor:**

Cel.-Int. Luiz Bernardini

**Editor e redator:**

1º Ten.-QFO Silvana Maria Ferreira Vieirã

**Conselho Editorial:**

Ten.-Cel.-Int. Gilberto Ferreira Fazenda  
Ten.-Cel.-Int. Paulo Roberto dos Santos  
Maj.-Int. Roberto de Castro Pontes  
Maj.-Inf. Marco Antonio Vieira Franco da Rosa  
Maj.-Int. Laurival Alves Neto  
1º Ten.-QFO Cristina Fernandes da S. Pereira

**Assessoria de Pesquisa:**

1º Ten.-QFO Teresa C. Malfitano P. Chagas

**Revisão:**

CB ADT Luis Cláudio Ferreira Tôres

**Fotografia:**

15 BFT Robson Ferreira de Carvalho  
25 BFT José Barreto da Silva Filho

**Ilustração:**

35 BDE Cláudio Bonfim Ramos (CIEAR)  
CB ADE Alexandre Marcos Felizola Bastos (UNIFA)  
CB ADT Zenildo da Conceição

**Capa, programação e arte:**

CB ADT Zenildo da Conceição

**Diagramação:**

25 BAD Weber Colledrio  
CB ADT Zenildo da Conceição  
CB AAL Ary dos Santos Junior (PAME)

**Fotocomposição: PAME**

CB AAL Ary dos Santos Junior  
Antonio Luis dos Santos Terra

**Apoio em serviços gráficos:**

CB AAT Rosildo de Oliveira

**Impressão:**

Seção de Imprensa Técnica da PAME

**CENDOC**

Av. Marechal Fontenelle, 1200  
Campo dos Afonsos  
Rio de Janeiro - RJ

## OBRIGADO, SANTOS=DUMONT.

*Sem a sua genialidade não estaríamos aqui discutindo a preservação da nossa história, que o seu talento iniciou.*

### Agradecemos, ainda:

Ao Museu Aeroespacial, nas figuras da 2º Ten.-QFO Sahara Burity Fernandez Cyrino e 2º Ten.-QFO Vilma Souza dos Santos, museólogas, que integram a Comissão de Patrimônio Histórico e Cultural, sob a gerência do CENDOC.

Ao Sr. Osvaldo Henrique Castello Branco, um dos responsáveis pela preservação dos bens e acervo da Fazenda Cabangú, em Santos Dumont - MG.

Ao Arquivo Nacional, à Biblioteca Nacional e ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro que viabilizaram a ilustração fotográfica dos artigos da revista e aos seus profissionais que colaboraram nesta edição através de subsídios técnicos.

Ao Ten.-Brig.-do-Ar Márcio Nobrega de Ayrosa Moreira, Comandante Geral do Pessoal de 1990 a 1993, hoje na reserva, pelo incentivo que emprestou aos projetos do CENDOC, especialmente às iniciativas de divulgação dos trabalhos desenvolvidos na Unidade.

Ao Ten.-Brig.-do-Ar Ulysses Pinto Correa Neto, atual Comandante do CONGEP, pelo prestígio profissional que gentilmente colocou à disposição do CENDOC, essencial para a captação de recursos que viabilizou esta edição e, ainda, por sua atuação no sentido de se valorizar cada vez mais a imagem do CENDOC.

Finalmente, ao Ten.-Brig.-do-Ar Mauro José Miranda Gandra, Diretor do Departamento de Aviação Civil (DAC) que, através de recursos financeiros, colaborou incisivamente para que a 1.ª edição da Revista do CENDOC chegasse agora às mãos do seu leitor. Em tempos de crise, sem participações desta natureza, o nosso projeto dificilmente seria concretizado.



# Editorial

Apesar de termos nascido, enquanto instituição, do talento daquele que se transformou no nosso exemplo mais evidente da capacidade inventiva do homem, suficiente para extrapolar os limites da mais genuína e instigante criatividade, e as fronteiras físicas do país que lhe dera a vida; a impulsividade para fazer o novo, a partir do que nos parece corriqueiro, não deve ser atribuída somente ao caráter do GÊNIO.

Ao homem comum, basta que lhe seja dada a liberdade de exercitar aquilo que lhe é mais caro desde que se conhece como ser social — o seu talento. Dele, não se pode abdicar, sequer dividi-lo, pois que este atributo é único a cada um e só faz crescer, desenvolver, desde que haja o primeiro impulso. Uma simples palavra de afeto, a confiança partilhada, o elogio, o espaço para criar. É das atitudes mais esperadas que depende a capacidade do homem para alçar vôo e traçar o seu destino no mundo.

Se Alberto Santos Dumont não houvesse tido a acolhida por parte da família aos seus arrojados projetos, mesmo que parecessem devaneios ao olhar mais prático, talvez continuasse a observar o vôo dos pássaros ao longo da sua existência, sem vivenciar o imenso prazer de ver concretizadas as suas idéias. A frustração, neste caso, não seria só dele: nós simplesmente não estaríamos aqui, falando de coisas que dizem respeito ao Ministério da Aeronáutica.

A concepção desta Revista partiu justamente do crédito no profissional especializado, naquele que sempre acredita na possibilidade de viabilizar o seu talento, através dos meios de que dispõe. Foi este profissional o único responsável pelo produto que aqui apresentamos.

Afinal, as idéias existem no mundo, captá-las é apenas uma questão de sensibilidade, inteligência e por que não dizer: Vontade.







## O Ministério da Aeronáutica e seus símbolos

**O** signatário da libele. Media, onde passou a representar a nobreza e os ideais de conquista e poder, estimulados pelas Cruzadas e sedimentados pelos valores da época, a Heráldica ou "ciência dos brasões", criada no século XIII, sobreviveu a mais distintas sociedades, firmando-se pelo seu sentido simbólico e por possuir uma codificação de uso universal.

Ciência auxiliar da História, pois que através da identificação de seus símbolos é possível estabelecer-se a genealogia e a cronologia, fontes informativas importantes na interpretação de documentos, a Heráldica está presente no M. Aer. praticamente desde as suas origens. Em 1952, o seu símbolo — Gládio Alado — foi oficializado na forma como é conhecido, passando a figurar, a partir daí, na composição dos emblemas das Organizações Militares, firmando a identidade da Instituição que passaria a representar.

Apesar de não seguir todas as regras da Heráldica tradicional, o M. Aer., em seu código simbólico utiliza muitos de seus preceitos. O brasão, por exemplo, que representa ao mesmo tempo a Instituição e as suas Organizações, é enfeitado pela águia, animal ligado à nobreza e utilizado tradicionalmente desde os egípcios como símbolo do império. As ideias de poderio, autoridade, potência e vitória também prevaleceram para a Força Aérea, acrescentadas as de prosperidade e liberdade.

Além do brasão, que é único, os emblemas, estandartes e distintivos de condição especial representam, igualmente, as Organizações, onde o que se busca é a liberdade de expressão e a padronização que visa a qualidade estética e à amplitude simbólica. O selo, os símbolos comemorativos e os logotipos também integram esse conjunto, servindo às necessidades sempre crescentes de representação.

